

ESCOLA NOVA -- O SEU OBJETIVO

ADALÍVIA DE TOLEDO

O objetivo da escola moderna é o desenvolvimento sistemático e harmônico da criança, dando-lhe capacidade de adaptação à vida social e de melhoramento dessa situação.

Antigamente dizia-se: *educar é preparar para a vida do adulto*. Hoje diz-se: *educar é adaptar à vida, mas pelo desenvolvimento harmônico do educando*. Para que êsse desenvolvimento harmônico se dê, são necessárias condições propícias para isso. Condições propícias, entendemos, são as situações de vida real que se apresentam na escola. Sendo de vida real, tais situações serão resolvidas pelas crianças, porque as interessam. Acabará o ambiente artificial que faz desadaptados, pois não apresentando situações reais, tem de impor soluções de problemas que a criança não quer resolver, por serem alheios ao seu interêsse.

Os alunos mais espertos aprendem, ao passo que os outros fingem sinais exteriores de aprendizado... É necessário, portanto, que, na escola, a criança sinta tôdas as situações que se apresentam na vida e trate de resolvê-las por si mesma. Do contrário ela só formará indivíduos desadaptados, isto é, que não têm a plasticidade de amoldar-se a situações novas porque não se desenvolveram nesse treino. Na escola tradicional, o ensino parte do professor para as crianças que formam, por assim dizer, a massa social. Elas têm de subordinar as suas idéias às do seu professor.

Hoje, o professor tem de subordinar os seus ensinamentos ao interêsse manifestado pelos alunos; daí a nova compreensão de que se dirigem por si, tendo necessidade sòmente de alguém que encaminhe e estimule os seus atos. Conserva-se, portanto, a sua personalidade.

O ideal não é acervo de conhecimentos, mas o desenvolvimento de capacidades. (1)

A compreensão da vida social deve ser sentida pela criança desde os primeiros tempos e não recebida como preceito de moral

(1) *Vida e Educação*, de JOHN DEWEY

teórica. Desaparecerá assim a idéia de coação partindo de uma autoridade externa. Nasce hoje a lei de viver, conjunto do próprio grupo, decorrendo daí benefícios de ordem social. Não se transmite o aprendido: êle é uma autocriação.

Logo, o conhecimento verdadeiro é aquele que é elaborado pelo próprio indivíduo, único capaz de influir em sua conduta. Na escola nova, o mestre não transmite conhecimentos; êle reúne condições propícias para que os conhecimentos se elaborem na criança, segundo o que ela possa aprender, em função do seu interesse.

A escola nova é uma ambientação (2). O professor faz com que os alunos adquiram conhecimentos descobrindo; êle não pôde despejar rios de conhecimentos. O indivíduo habitúa-se, assim, a agir por si, a satisfazer os próprios interesses, adquire autoridade interna, não esperando que as ações de outrem possam influir em seus atos, tendo êle conduta e norma próprias de ação adequada, que constituem, por assim dizer, os caracteres primordiais da sua personalidade.

É necessário que o educador se subordine a tudo que se relacione com a vida infantil. A criança vive em um meio em que tudo é contacto pessoal. Dificilmente penetrará, no campo de sua experiência, qualquer coisa que não interesse diretamente ao seu bem estar ou de sua família.

AS NECESSIDADES DA CRIANÇA E SEUS INTERÊSSES

As necessidades da criança e seus interesses servem de ponto de partida para todos os conhecimentos na medida da sua capacidade, sempre tomando em consideração que só é benéfica a atividade ditada por um móvel interno.

Segundo nos afirma FERRIÈRE, a idade dos interesses imediatos compreende o período dos 6 aos 9 anos. A criança se interessa exclusivamente pelo seu "eu", pelas cousas que a cercam. Dêsses interesses podem nascer outros mais amplos e elevados, sendo êles o fóco de irradiação para outros conhecimentos. Nessa idade as crianças não se interessam pelas épocas e lugares longínquos. O seu interesse se limita à sua pessoa, às plantas, aos animais, às pessoas que a cercam, companheiros de trabalhos ou brinquedos.

Se quisermos despertar o interesse das crianças pelas épocas passadas ou pelos lugares longínquos, precisamos estabelecer uma

(2) D. Xavier de Matos.

relação com o presente ; do contrário a criança não se interessará. Do interesse que tem a criança pelos animais, levá-la-emos a conhecer os animais úteis e daninhos. Pela observação dos seres vivos, terá a criança ocasião de estudar a higiene, o vestuário, a alimentação, o gênero de vida de cada povo e daí a observação sobre clima, fauna, flora, condições de vida dos homens nas diferentes regiões do globo, ou seja o estudo da geografia.

Estas idéias que, em resumo, aqui expendemos, poderão ser meditadas por quem quer que leia *Vida e Educação*, de JOHN DEWEY. A tarefa do educador é substituir as impressões fugazes e superficiais por uma realidade estável e lógica. Tais realidades é que o estudo e as lições representam. Subdividamos cada assunto em matérias de estudo, cada matéria em lições, cada lição em fatos e fórmulas específicas. Façamos que o aluno percorra passo a passo essas partes isoladas até que, no fim da jornada, ele tenha vencido todo o programa.

Visto globalmente, parece imenso esse mundo de conhecimentos, mas considerado como uma série de marchas particulares, facilmente o exploramos. Não se entende, porém, que esse mundo seja explorado discriminadamente, mas segundo centros de interesse em que a marcha do conhecimento se desenvolva acompanhando as suas três fases: *observação, associação e expressão*.

GLOBALIZAÇÃO

Para o ensino globalizado não há matérias. Há um problema a ser resolvido e para cuja solução concorrem a leitura que nos fornece informações, o cálculo que nos habilita a comparar e medir, os exercícios de geografia e história que nos levam a associar e os trabalhos de expressão que, no seu dinamismo criador, facilitam à criança a manifestação espontânea e saboreada das suas próprias experiências e conhecimentos.

OBJETIVO: — O pleno desenvolvimento de cada criança e a perfeita adaptação ao meio em que vive. Logo, o aprender ler surge, então, como um meio de desenvolvimento harmônico, um instrumento de adaptação e não como um fim do ensino. Aprende, portanto, a criança para viver e não para saber. Todas as matérias aparecem, porque a criança necessita delas para a realização do seu projeto.

Os conhecimentos irão surgindo com o interesse manifestado. A criança só se interessa pelas cousas que a cercam e pelas cousas presentes. Daí a sua adaptação ao meio em que vive.

Só fazemos perfeitamente uma coisa quando a fazemos com interesse. Só é proveitoso o aprendizado que se baseia no interesse.

O ensino assim feito terá muito maior vantagem. Além disso, será um ensino metódico porque se realiza de acôrdo com as leis naturais da evolução da criança.

INTERESSE

Aprender nunca é processo passivo de absorção. Aprendemos por meio de reações e pelas reações que exercitamos. O ensino passivo não desperta interesse por parte das crianças, ao passo que o aprendizado sugerido pelo interesse dos próprios educandos é o único realmente eficiente, pois que aprenderão como se estivessem brincando, aprendem porque agem.

Psicológicamente é impossível desenvolver-se qualquer atividade, sem que o interesse entre em jôgo. (1)

O interesse é o motivo interno que leva o indivíduo a reagir a certos estímulos, e não a outros, porque àqueles está presa a expressão de uma necessidade de adaptação ou desenvolvimento. Por exemplo: a leitura não pode interessar a crianças que não sabem ler. Porém, desde que o professor crie uma situação adequada a formar estímulos que despertam o interesse, o aprendizado se realizará. As crianças que tomam o trabalho como uma tarefa, só o realizarão compelidas a isso, cessando o esforço no momento em que cesse a pressão externa. A criança pode também mostrar-se interessada por um trabalho, sem que essa atenção seja real. Nesse caso, a criança adquiriu hábitos de atenção dissociados; a questão da educação pròpriamente dita não foi resolvida. O que conseguimos foi a simulação da atenção.

Interesse, portanto, é a comunhão do "eu" com a idéia ou o objeto. O esforço sem interesse é inútil.

O esforço oriundo do interesse formará no espírito da criança hábitos de persistência e tenacidade a uma tarefa que se torna compreendida pela maneira natural por que foi apresentada. Daí resulta uma atividade unificada e integral. (2)

OBSERVAÇÃO

É a observação a base de todo o ensino. Uma vez sugerido pela classe o projeto, aparecerão os exercícios de observação que se tornarão, por assim dizer, o ponto de partida para todos os conhecimentos.

(1) **Vida e Educação**, de JOHN DEWEY

(2) Obra citada, de DEWEY.

Não recebe, pois, o educando, passivamente, as idéias elaboradas por outrem.

Ele elabora as suas próprias idéias e, baseado na observação, compara e exprime os seus pensamentos.

O projeto, levado a efeito em minha classe, proveiu da escolha espontânea dos alunos. Uma das meninas, Elí, apresentou-se na escola com uma boneca vestida com o uniforme usado pelas crianças. Estas mostraram-se interessadas pela boneca, sendo objeto de observação e palestra logo nos primeiros dias de aula. Resolvi organizar, então, o projeto:

A BONECA E A SUA CASA.

A escolha dêsse projeto com duplo objetivo: 1.º) a boneca; 2.º) a casa, foi determinada pelo fato da minha classe ser mixta e necessitar da colaboração de meninas e meninos para realização do projeto.

Começámos os primeiros exercícios de observação do nome, tamanho e idade de Bebê. Passámos a observar os cuidados que Elí devia à sua filhinha, surgindo então a higiene pessoal.

Das observações relativas à higiene pessoal, surgiram os problemas correlatos: banho, duchas e sabão.

Foi verificada a necessidade de um bom sabonete para a higiene das crianças, visto estas terem a pele delicada.

Passámos à higiene da bôca.

Comparámos os indivíduos que têm e os que não têm cuidado com a bôca, surgindo a necessidade da assistência dentária particular e as vantagens da assistência dentária escolar, alta medida para as crianças que não podem fazer um tratamento particular. Nessa ocasião foram lidos vários contos e organizadas dramatizações que se acham colecionadas no fichário da classe. Fizeram as crianças durante um mês o registo dos hábitos sadios.

A higiene escolar deve ter por fins principais criar hábitos higiênicos e favorecer o desenvolvimento físico da criança. Os hábitos da higiene precisam ser sentidos pela criança e não recebidos teoricamente. Os hábitos adquiridos pelas crianças não desaparecem facilmente. Ao mestre compete difundir entre os alunos conselhos e hábitos sadios e estes, por sua vez, não os deixarão de transmitir em casa.

Ao professor compete vigiar constantemente pela saúde das crianças, protegendo-lhes a vida contra o perigo das infecções com que as ameaça o contacto e a vida em comum nas escolas, para onde convergem e confluem, num movimento diário de fluxo e refluxo, indivíduos de todos os grupos sociais.

Organizaram as crianças logo em seguida os trabalhos de expressão com relação à higiene pessoal.

Desenhos de banheiros, escovas de dentes, pasta dentifrícia, sabonete, toalhas de rosto e de banho.

Este ponto foi interessante, porque surgiram chupetas, chocalhos e outros objetos desnecessários e prejudiciais às crianças.

Foram discutidos em classe os objetos indispensáveis e os inúteis, aparecendo espontaneamente os inconvenientes das chupetas e até o nome de moléstias adquiridas pela falta de higiene, como o sapinho e outras, tendo as crianças apresentado — naturalmente por observação feita em casa — a maneira de combatê-las no caso da criança adquirí-las.

Organizaram em recorte o exército da saúde e uma pequena dramatização: *Até os animais gostam do banho*, da autoria de D. Maria Antonieta de Castro.

Passámos em seguida ao

VESTUÁRIO DE BEBÉ

A necessidade que tinha Bebé de roupas e outros objetos indispensáveis, levou as crianças a comentarem a maneira pela qual poderiam obter êsses objetos, surgindo a necessidade da abertura de uma loja ou bazar.

Abrimos o concurso de nomes para o bazar, sendo a escolha feita pelas crianças. Lembraram-se, entre outros, os seguintes nomes: *Bazar das Crianças, dos Pobrezinhos, das Perdizes, Praça da República, e Vila Mariana*.

Surgiu, então, a discussão em classe sôbre a escolha de nomes como Vila Mariana e Perdizes.

Algumas fizeram ver que sendo o bazar localizado na Praça da República, não poderia ter o nome de outro bairro.

Aí foram citados vários nomes de bairros da Capital, estudo êste que pretendia fazer mais tarde, quando organizei o projeto.

A pequena que contestou o nome de Vila Mariana, concluiu da seguinte maneira:

— *Vila Mariana não serve, mas para o menino não ficar triste, fica Santa Mariana, o nome escolhido por êle.*

Procedemos à verificação dos nomes mais votados, tendo empatado os seguintes: — *Bazar das Crianças e Bazar dos Pobrezinhos*.

Como nesse instante entrasse o Diretor, as crianças apelaram para êle, pedindo-lhe para desempatar a questão.

Ficou, então, resolvido o nome de *Bazar das Crianças*, depois de um sorteio.

Simularam um bazar e já no dia seguinte era grande o número de retalhos, linha, brinquedos e outros objetos trazidos com grande prazer pelas crianças.

Foi então organizado um concurso de cartazes de propaganda. A classificação foi feita pelos alunos, dando-lhes o ensejo de revelarem, pelo desenho, a sua personalidade.

Sobre êste assunto é de grande importância o professor compreender que o desenho deve ser trabalho exclusivo do aluno.

O desenho na escola primária é meio de expressão, não instrumento de cultura artística, sobretudo nos primeiros graus.

Portanto, mais vale obter do aluno uma expressão ainda que imperfeita do que a cópia de modelos fornecidos pelo professor. Dessa maneira a criança manifesta sempre a sua personalidade, sendo o desenho ótimo ensejo para êsse fim.

Para compras no bazar, obtiveram as crianças pratinhas, níqueis de papelão, sendo desnecessário confeccioná-las, como pretendia fazer. Neste bazar as crianças efetuaram as suas compras, adquirindo perfeito conhecimento das dezenas, no trôco que fizeram. As compras feitas pelas crianças deram ensejo à elaboração de problemas que foram resolvidos de maneira concreta e logo passámos ao cálculo escrito, estudando simultaneamente as quatro operações.

Para estudo da tabuada, organizaram as crianças vários jogos interessantes.

Com as compras feitas no bazar foram confeccionadas pelas meninas as primeiras peças de roupas.

O primeiro vestidinho de Bebê foi feito de chita, e assim passámos a estudar do que era feita a chita.

Nesse ponto as crianças sentiram alguma dificuldade. Para encaminhá-las, desfiei um pedaço de seda, outro de lã e outro de algodãozinho e, pela comparação, chegaram à conclusão de que a chita é feita de algodão.

Passámos ao estudo do

ALGODÃO

Estudámos o algodoeiro, o seu cultivo, a preparação do terreno para o plantio.

A escolha das sementes. O desenvolvimento do algodoeiro. A flor, a maçã, a semente, o óleo, a sua utilidade.

Os tecidos de algodão. A lona, o brim, o algodãozinho, a tricoline, as fábricas.

Por que inventaram a roupa? foi a pergunta formulada por uma criança, e tivemos de ir até os anti-diluvianos. A necessidade do vestuário como abrigo do frio e a natureza das ocupações deram origem às vestimentas de peles.

Os esquimaus e os nossos vaqueiros, especialmente os do nordeste, até hoje vestem-se de peles preparadas, aqueles devido ao rigor do frio, e êstes devido às condições hostís da natureza. Pas-

sámos para a colheita de gravuras, comparando o traje característico nas diferentes regiões do globo: japonêses, espanhóis, portugueses.

Comentámos o vestuário dos primitivos habitantes do Brasil— e fizemos associação no tempo estudando o descobrimento do Brasil.

E no espaço — *O vestuário como abrigo do frio e do sol*, dando ensejo ao estudo das quatro estações.

Na associação no tempo, tivemos ensejo de estudar as primeiras tentativas agrícolas dos portugueses: S. Vicente e Santo André. Os teares rudimentaríssimos usados pelos índios de algumas tribus foram explicados.

TRABALHOS MANUAIS: — vestidinhos e roupas pelas meninas. A mala de roupa pelos meninos. Bonecas vestidas de índios. Bonecas vestidas de acôrdo com as quatro estações. Pequenos contos sôbre a necessidade de confecção de roupas para os pobrezinhos. Desenhos do feitio de vestidos pelas meninas.

Concurso de cartazes. Dramatização: *O vestidinho de Bebê e a touquinha de lã*, que se acha registada no fichário da classe.

Mais que da história contada gosta a criança da história vivida. Da reprodução a criança passa sem nenhum esforço à dramatização.

O LINHO

Logo após o estudo do algodão, vestimos em Bebê um vestidinho de linho: era excessivo o calor. Observaram assim as crianças que o linho é próprio para os dias quentes.

Por ótima sugestão de uma das alunas do 4.º ano do Instituto Pedagógico, encarregada de uma aula em minha classe, foi enviada às alunas uma carta endereçada ao Snr. Algodão e por essa carta ficaram as crianças conhecendo tôda a história do linho, o seu plantio, a sua adaptação aos lugares frios, portanto, a razão de o nosso país não produzir o linho. Ficaram as crianças, pela mesma carta, conhecendo o uso das sementes, a semente de linhaça na medicina, o óleo de linhaça, o fabrico do tecido, etc.

Essa aula despertou grande interêsse nos alunos.

Passaram as crianças ao trabalho de expressão.

Confeccionaram roupinhas de linho, ilustraram a carta recebida, desenharam as fibras, flores, a peça de linho, o papel, etc.

Passámos depois à associação no espaço, estudámos o clima frio que favorece a cultura do linho, e as zonas temperadas e quentes.

A SEDA

Sugeri a idéia de Bebê fazer uma visita à casa de uma das alunas, no dia do aniversário da pequena. Encarregou-se uma das

colegas, que morava perto, de levar a boneca com uma cartinha da classe, cumprimentando-a.

Foi essa idéa aplaudida com entusiasmo pelas meninas.

Vestimos Bebê com o melhor vestido de seda. Ocorreu-nos essa idéa para ter oportunidade de estudar a seda. Comparamos a seda e outros tecidos e vimos que ela não se parecia com nenhum deles. Na realidade não cheguei a distinguir a comparação da observação em minha classe, tão unidas caminharam.

Estudámos a sericicultura, o bicho da seda, comparámo-lo com outras lagartas. Observámos o casulo, a fórma do casulo, a amoreira, os fios de seda, a fábrica, a seda artificial, etc.

Passámos a estudar o vestuário nas diferentes épocas da história.

Início da produção da seda no Brasil. Importação da seda. Porto de Santos, comércio com o estrangeiro.

Mar — denominações dadas às águas.

Trabalhos de expressão: Leitura de um pequeno conto que organizei sôbre o bicho da seda e que consta do nosso fichário.

Dramatização: — O bicho da seda e a aranha. O trabalho útil e o trabalho inútil.

Desenhos: — O bicho da seda, a amoreira, o casulo, a borboleta. Os fios da seda. Coleções de gravuras e casulos.

Trabalhos manuais: Um vestidinho e uma touquinha de seda.

A LÃ

Como de costume, logo à entrada dedico dez minutos para ouvir o que de novo as crianças queiram contar-me, e tenho com isso conseguido grande confiança da parte das crianças, que me trazem sempre novidades aproveitáveis; é nesses instantes que observo os fatos mais interessantes na vida da criança.

Uma delas, como o dia estivesse frio, contou-me que comprára um casaco de lã, porque o dela quasi que não a aquecia. Como pretendia estudar a lã, provoquei a discussão em classe, para saber por que o de lã aquecia mais do que o outro que era de veludo de seda. Com isso, a classe chegou à conclusão de que a lã aquece muito mais do que a seda ou outro qualquer tecido.

Observámos de onde é tirada a lã e passámos à observação de carneiros, rebanhos, etc. O pêlo, a estação própria para cortar a lã. A pelica e a sua utilidade. O calçado, as luvas e adornos feitos com pelica, albuns, etc.

O cortume das peles. A casca de carvalho. O tanino. Comparamos a lã com a seda. A pelica com os outros couros. Passámos à associação no espaço observando a criação de carneiros no Rio Grande do Sul. Recortámos o Mapa do Brasil, assinalando os Estados que tratam da criação de carneiros, e como já tivessemos

estudado o algodão e outros tecidos, marcamos as produções de cada Estado.

Trabalhos de expressão: — Leitura de contos, fábulas: *O lobo e o cordeiro*.

Desenhar um carneirinho. Objetos e adornos feitos de pelica. Coleção de figurinos, capotes e boinas. Trabalhos feitos de lã.

Passamos depois para a alimentação de Bebê, assunto êste que prendeu a atenção da classe nos últimos dias.

EXERCÍCIOS DE EXPRESSÃO

Os exercícios de expressão compreendem: a expressão verbal, a expressão escrita e a expressão manual.

Na expressão verbal surgem leitura, narrações, historietas, dramatizações sugeridas pelas crianças.

Tendo as crianças dificuldade de interpretação, poderemos organizar histórias mudas, conseguindo dêste modo o desenvolvimento da memória lógica da criança.

Por meio de frisos murais, poderemos organizar exercícios de prolação. Diversas figuras em recortes coladas sôbre papel, servem não sômente de enfeite, como terão as crianças a oportunidade de repetir os nomes dos diversos objetos, doñde o ensejo para a correção de palavras mal pronunciadas.

Sôbre êste assunto é de grande importância o professor conhecer quando devem ser corrigidos os êrros de linguagem cometidos pelos alunos.

Se o professor interrompe a cada passo as crianças, estas perdem a espontaneidade. Costumo, então, no fim das aulas, mencionar três ou quatro palavras mal pronunciadas durante o dia. No dia seguinte ofereço oportunidade para a classe as empregar corretamente. Dêsse modo a criança não ficará tolhida na maneira de externar as suas idéias. A expressão escrita compreende os exercícios escritos e o desenho. Sôbre êste assunto é de grande importância repetir o que dissemos atrás: compreender o professor que o desenho deve ser trabalho exclusivo do aluno. O desenho na escola primária é meio de expressão e não instrumento de cultura artística, sobretudo nos primeiros graus. Portanto, mais vale obter do aluno uma expressão própria, ainda que imperfeita, do que a cópia de modelos fornecidos pelo professor.

Dessa maneira a criança manifesta sempre a sua personalidade, e, para isso, o desenho não deixa nunca de oferecer ótimos ensejos.

A LEITURA

O ensino de leitura pelo sistema de projetos não necessita de cartilha. Pelo contrário, a cartilha vem atrapalhar a ação globalizadora porquanto as crianças têm de se subordinar a assuntos e a vocabulário estranhos ao interesse do momento. Tendo a criança observado, ela exprime as suas idéias na sua própria linguagem, mediante as interrogações do professor, sendo as suas expressões motivos para as sentenças. Afim de facilitar a ligação das idéias aos símbolos escritos, costumo organizar cartões com figuras de acôrdo com as palavras da lição, formando assim o dicionário da classe. Nesses cartões colocaremos a projeção com a sílaba inicial logo que se proceda à análise das palavras.

As sentenças escritas no quadro serão lidas pelos alunos.

No dia seguinte receberá cada aluno tiras com as frases já estudadas, tendo êles de compará-las com as do quadro negro. Feito isso, os alunos têm de ler as sentenças, ora no quadro, ora nas tiras de papel. Em seguida os alunos fazem a cópia das sentenças estudadas. Essas tiras facilitarão os primeiros exercícios de cópia, porque o aluno, tendo o modelo próximo, não despenderá grande esforço. Aliás, vem êste sistema resolver o problema da má localização das crianças na sala com relação ao quadro negro. Depois do conhecimento de duas ou três séries de lições, as crianças começarão a decompor as sentenças em palavras, cortando as suas tiras de papel.

Poderemos formar com elas novas sentenças. Na decomposição das palavras em sílabas, o processo é o mesmo. Poderemos, no fim de cada série de lições, fazer a análise das palavras e sentenças estudadas.

Para haver conhecimento perfeito é preciso haver análise e síntese.

Não há análise sem síntese nem síntese sem análise. A criança sempre voltará atrás para refazer a parte do processo de que sente falta. Na maioria dos casos, pelo que tenho observado, uma frase não sucede a outra: são concômiantes.

O ensino de leitura, assim feito, será de grande interesse para os alunos, porque êles lerão as suas próprias expressões, organizadas de acôrdo com o assunto do momento.

Geralmente as crianças se interessam pouco pelo que lêem quando a leitura não está subordinada à situação do seu viver na escola ou em casa. Outras vezes porque a ordem dos assuntos e o vocabulário aparecem conformados ao modo de pensar dos adultos, e não ao da expressão infantil.

A leitura, nesses casos, não produz os efeitos desejados, sobretudo em se tratando de alunos fracos, cuja atenção é borboleteante.

Donde a necessidade de se organizarem jogos para exercícios. Podem ser variadíssimos e combinados segundo todos os assuntos.

Como as crianças colecionam com muito prazer gravuras, elas próprias facilitam o preparo dos jogos.

Êsses jogos devem ser organizados em tórno de centros de interêsse.

DA ESPONTANEIDADE DAS CRIANÇAS: — Do exposto se deduz que tôda atividade surge ditada pelas crianças.

Sou apenas o agente coordenador, isto é, canalizo os interêses que possam divergir, colocando-os em terreno comum.

As crianças reinam. Contento-me eu de ser o fiel vassalo de tôdas.

SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA

NOEMÍ M. SILVEIRA

Relatório dos trabalhos do 1.º semestre
(1.º de fevereiro a 1.º de junho de 1933)
apresentado ao diretor do Instituto de
Educação «Caetano de Campos» pelo
chefe do Serviço de Psicologia Apli-
cada. — — — — —

I

POR QUE UM SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO

1. A PSICOLOGIA COMO FATOR DO PROGRESSO EDUCATIVO. — O progresso educativo de hoje é, em grande parte, resultante da aplicação dos princípios e técnicas psicológicas aos problemas da educação. Parece tornar-se mesmo indispensável um serviço de psicologia onde quer que se empreenda qualquer melhoramento no ensino e no ajustamento do aluno à escola. O estudo científico da criança se torna função de suprema importância.
2. TRABALHOS ESPECIALIZADOS DE PSICOLOGIA, NO BRASIL. — Há anos atrás, a organização escolar e o ensino pequena relação tinham — se é que houvesse alguma — com o estudo da criança. Já não se dá o mesmo hoje. LOURENÇO FILHO, ISAIAS ALVES e a sra. RADECKI, no Rio de Janeiro; a sra. ANTIPOFF, em Minas Gerais; ULISSES PERNAMBUCANO, em Pernambuco, dr. PENINO, em S. Paulo, trabalham no sentido de associá-los intimamente. Cremos poder dizer o mesmo do Serviço de Psicologia Aplicada à Educação do Instituto de Educação “Caetano de Campos”, em São Paulo.
3. NOVO CONCEITO DOS PROBLEMAS DE AJUSTAMENTO INDIVIDUAL. — Compreende-se hoje que o ser humano é altamente dinâmico, está em reação constante a um ambiente em mudança. Daí, conseqüente desenvolvimento e amadurecimento

da sua organização mental e física. É dêste intercâmbio entre os fatores ambientes e a sua personalidade que surgem problemas, alguns de tal gravidade que se torna imprescindível o auxílio de especialistas para ajustamentos mentais. Muitos, porém, dos problemas de menor importância poderiam ser resolvidos satisfatoriamente, se houvesse melhor compreensão dos processos psicológicos, por parte dos pais e professores. Dessa compreensão, resultariam:

- a) necessidade da descoberta dos fatos relativos à capacidade de aprendizado de cada indivíduo, seus interesses, talentos e deficiências;
- b) necessidade de fornecer as melhores condições para o desenvolvimento máximo de cada indivíduo.

4. POR QUE UM SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO. — A razão da falência da educação na escola reside, frequentemente, na inadequação dos estabelecimentos de ensino em satisfazer as necessidades do aluno, de um lado, e do grupo social, do outro. Podemos evitá-la, em parte ao menos, se tentarmos ajustar a escola ao aluno e à sociedade. Foi com êsse propósito que o Serviço de Psicologia Aplicada à Educação se organizou a 6 de julho de 1931.

5. EM RESUMO. — Para o Serviço de Psicologia Aplicada, a educação é processo de desenvolvimento e ajustamento do educando. Daí, preocupar-se, sobretudo, em descobrir-lhe a característica e em oferecer ao sistema escolar paulista nova base para avaliar os métodos educativos e as matérias do programa.

Por outras palavras, o processo da educação é para êste Serviço alguma coisa não a ser imposta à criança, mas a ser identificada com os seus interesses e objetivos.

Do que se acaba de afirmar, decorre a ordem lógica do seu trabalho:

- I — O educando, em primeiro lugar, como aprende, age e pensa;
- II — Suas capacidades, tendências, aspirações — motivos, hábitos e deficiências.

De posse dêstes dados, o Serviço de Psicologia permite ao educador indagar:

- I — Que póde o educando tornar-se?
- II — Quais os melhores métodos, as melhores técnicas e meios para alcançar êstes objetivos?

De certo modo, o Serviço de Psicologia trabalha contra qualquer apriorismo em educação. (1)

II

DA ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO (2)

1. DAS SECÇÕES DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA. — O Serviço de Psicologia Aplicada abrange as seguintes secções (anexo n.º 1)
 - a) Técnicas:
 - I — Medidas;
 - II — Orientação Profissional;
 - III — Estudo do Programa e Problemas Escolares.
 - b) Técnico-administrativas:
 - I — Estatística e Arquivo;
 - II — Desenho e Representação Gráfica.
 - c) Biblioteca e Museu da Criança.
2. SECÇÃO DE MEDIDAS. — A secção de medidas se incumbem de:
 - a) aferição de testes e escalas de testes pedagógicos e psicológicos;
 - b) seleção e aplicação de testes e escalas para fins de distribuição e promoção dos alunos;
 - c) pesquisas referentes à capacidade mental e ao trabalho dos alunos;
 - d) investigação dos problemas apresentados pelos alunos excepcionais, incluindo os mentalmente sub-normais, os bem dotados, os avançados, os deficientes do físico, os nervosos e delinquentes;
 - e) fiscalização do resultado do trabalho e as aptidões especiais de grupos de crianças;
 - f) interpretação do resultado das investigações para melhoria do ensino e bem estar dos alunos;
 - g) treino dos professores e alunos da Escola de Professores nas técnicas psicológicas;

(1) SILVEIRA, NOEMÍ M. — Da Organização do Serviço de Psicologia Aplicada da Diretoria Geral do Ensino do Estado de São Paulo. — 1932, S. Paulo, Tip. de S. Lázaro.

(2) Departamento de Educação do Estado de São Paulo, Código de Educação, arts. 651 a 667, maio 3, 1933. *Jornal do Estado*, n.º 99, ano I.

- h) organização de testes para uso nas escolas;
- i) diagnóstico diferencial das dificuldades apresentadas pelos alunos-problemas;
- j) diagnose da deficiência dos alunos nas matérias fundamentais;
- k) estudo das crianças excepcionais, por entrevistas e observações pessoais;
- l) organização e direção da Secção de Testes Psicológicos.
- m) pesquisa e traçado da linha de desenvolvimento mental normal da criança paulista;
- n) organização de um arquivo de testes para fins de consulta do professorado.

3. SECÇÃO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL. — Compete à Secção de Orientação Profissional:

- a) Pela orientação profissional e educacional:
 - I — auxiliar o aluno a conhecer as oportunidades educacionais e profissionais da cidade, do Estado e do país;
 - II — levar os alunos a conhecerem as profissões e a compreenderem os problemas de trabalho, de forma a que possam preparar-se para a vida na comunidade;
 - III — indicar a cada aluno as oportunidades de trabalho;
 - IV — auxiliar o aluno a atingir os seus objetivos educacionais e profissionais.
- b) Pela colocação:
 - I — encaminhar os alunos que vão deixar a escola a encontrar colocações adequadas;
 - II — auxiliar os que precisam de reajustamento no trabalho;
 - III — orientar os que vão precisar de trabalho para prosseguir no estudo.
- c) Pela fiscalização:
 - I — auxiliar os alunos colocados para melhor compreensão de suas relações com os outros trabalhadores;
 - II — assegurar maior e melhor cooperação entre as escolas públicas e os vários estabelecimentos comerciais e industriais;

- III — fazer estudos científicos das informações colhidas para o benefício do aluno, da escola, do patrão e da sociedade;
- IV — auxiliar as escolas a adaptarem-se às necessidades dos alunos e da comunidade, pela modificação dos programas;
- V — pesquisar e organizar o cadastro referente às oportunidades profissionais do Estado e do país;
- VI — Publicar pequenas monografias profissionais;
- VII — organizar e fiscalizar escolas de continuidade para menores que terminarem o curso primário;
- VIII — colaborar com o Serviço de Psicotécnica;
- IX — organizar atividades extra-curriculares que orientem a criança na escolha da profissão (publicação de um jornal, clube de estudos e de excursões, concursos, etc.);
- X — orientar os pais a respeito dos problemas de orientação profissional; organizar e dirigir os grupos de estudo dos problemas de orientação profissional, em colaboração com o Serviço de Obras Sociais Escolares, Peri-escolares e Post-escolares;
- XI — estabelecer relações com departamentos públicos ou particulares interessados em orientação profissional;
- XII — orientar os alunos da Escola de Profsores do Instituto de Educação "Caetano de Campos" na prática da orientação profissional;
- XIII — incumbir-se da secção de Orientação Profissional do Boletim do Serviço de Psicologia Aplicada.

4. SECÇÃO DE ESTUDO DO PROGRAMA E PROBLEMAS ESCOLARES.

— São atribuições desta secção :

- a) estudar as bases psicológicas do programa em relação com a idade dos alunos e grau de estudo, e diferenças individuais;
- b) colaborar com a Diretoria Geral do Ensino, no tocante aos programas escolares;
- c) estabelecer o mínimo psicológico de programa segundo o nível de desenvolvimento mental de nossas crianças;
- d) organizar e ter fichado o histórico do programa escolar no Estado e no país;
- e) organizar e ter fichados os programas notáveis dos vários sistemas de renovação escolar;
- f) orientar os alunos da Escola de Professores no estudo psicológico do programa;

SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA

DIREÇÃO

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

SECRETARIA ALMOXARIFADO

DESENHO E REPRE. SENTAÇÃO GRAFICA

ESTATISTICA E ARQUIVO

BIBLIOTECA - MUSEU DA CRIANÇA

SERVIÇOS TÉCNICOS

MEDIDAS

ESTUDO DO PROG. PROBL. ESCOLAR

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

MEDIDAS MENTAIS

MEDIDA DO TRAB. ESCOLAR

AULAS DE ORIENTAÇÃO

PESQUISAS

- g) estudar os problemas escolares e pesquisar a sua solução, sejam êsses problemas apresentados por professores, sejam os que afetam, em geral, os professores;
- h) estudar os processos de reeducação e fiscalização de classes especiais e admissão dos alunos a essas classes;
- i) estudar os processos de melhorar o sistema de dar notas;
- j) estudar um sistema de registo dos dados referentes aos alunos, com atenção ao desenvolvimento mental e à capacidade de realização;
- k) auxiliar os professores nos problemas de ensino, desde a escolha de materiais adequados até exercícios para fins especiais;
- l) informar e orientar os que o solicitarem sobre os vários sistemas de renovação escolar;
- m) iniciar os alunos da Escola de Professores no estudo dos problemas e do programa escolar, do ponto-de-vista psicológico;
- n) incumbir-se da Secção de Estudo do Programa e Problemas Escolares do Boletim do Serviço de Psicologia Aplicada.

5. SECÇÃO DE ESTATÍSTICA E ARQUIVO. — É da incumbência desta secção:

- a) todo o trabalho estatístico das várias secções;
- b) organizar para a secção de desenho os gráficos e mapas a serem feitos;
- c) organizar, manter em dia e em ordem o arquivo das várias secções técnicas e o arquivo técnico geral do Serviço de Psicologia Aplicada.

6. SECÇÃO DE DESENHO E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA. — São atribuições desta secção:

- a) fazer todos os desenhos necessários aos trabalhos do Serviço de Psicologia Aplicada;
- b) preparar os desenhos e demais material necessário ao Museu da Criança;
- c) incumbir-se dos gráficos e desenhos do Boletim do Serviço de Psicologia Aplicada;
- d) estudar o papel educativo do desenho;
- e) estudar as bases psicológicas de um programa mínimo de desenho para a escola primária.

7. BIBLIOTECA E MUSEU DA CRIANÇA. — Compete ao encarregado:

- a) trazer em dia e em ordem a catalogação da biblioteca e do Museu da Criança;

- b) trazer em dia os serviços de compra e permuta de livros e outras publicações nacionais ou estrangeiras;
- c) organizar o fichário bibliográfico do Serviço de Psicologia Aplicada;
- d) orientar e auxiliar a leitura dos demais funcionários do Serviço de Psicologia Aplicada e dos alunos da Escola de Professores;
- e) auxiliar os alunos da Escola de Professores nas práticas de trabalho e de estudo;
- f) colaborar com o chefe de Serviço na organização de resumos e fichamento de trabalhos, por êle indicados ou pelos encarregados de outras secções;
- g) organizar e manter em dia uma cópia do catálogo das bibliotecas e livrarias que possuam ou publiquem livros de Psicologia e Educação, que sejam do interesse do Serviço de Psicologia Aplicada;
- h) copiar e traduzir trabalhos científicos aprovados pelo chefe do Serviço e destinados à publicação;
- i) incumbir-se da Secção Bibliográfica do Boletim do Serviço.

8. CORRESPONDÊNCIA, MOVIMENTO DE ESTOQUE. — As funções de secretaria e movimento de estoque, não constituindo uma secção à parte, foram entregues ao sub-assistente de estatística e arquivo.

III

TRABALHOS GERAIS REALIZADOS DE 1.º DE FEVEREIRO a 15 DE JUNHO DE 1933

I — COOPERAÇÃO.

1. Cooperação com o grupo escolar S. José do Ipiranga (particular).

Em fevereiro, recebia o S. P. A. da diretoria do gr. esc. S. José do Ipiranga pedido para classificação dos alunos desse estabelecimento. Acedendo à solicitação, S. P. A. fez a classificação de 512 alunos pelos testes A-B-C e, experimentalmente, pelos testes DEARBORN e BALLARD, com as restrições que o emprêgo destas duas escalas, não aferidas, exigiam. Igual solicitação recebemos dos snrs. diretores dos grupos escolares Marechal Deodoro e Godofredo Furtado. Viu-se, porém, S. P. A. na impossibilidade de atender-lhes o pedido,

uma vez que, sendo públicos êsses estabelecimentos, não competia à S. P. A. a iniciativa dessas realizações.

2. Cooperação com o Departamento de Educação.

- a) *Código de Educação.* — Solicitado pelo Diretor do Departamento de Educação, colaborou S. P. A. na organização do Código de Educação. De duas naturezas foi essa colaboração: *técnica e material*. Incumbiu-se da primeira o chefe do serviço que tomou parte nas comissões de ensino profissional e de organização do Instituto de Educação. As sub-assistentes de estatística e arquivo, de medidas e o auxiliar em comissão, Jovino Guedes de Macedo, fizeram todos os trabalhos datilográficos respectivos. (743 páginas datilografadas).
- b) *Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar.* — Por solicitação do chefe dêsse serviço, aplicou S. P. A. os testes BINET-SIMON em vinte e oito crianças dos seguintes estabelecimentos: Escola Primária da Escola Normal "Padre Anchieta", grupos escolares "Eduardo Prado", "Eduardo Carlos Pereira" e "3.º do Braz". Como não estejam estalonados os testes empregados, ao entregar aquele serviço os resultados, S. P. A. fez as restrições que a arbitrariedade da medida exigia.
- c) *Serviço de Classificação e Promoção de Alunos.* — Por solicitação do chefe dêsse serviço, S. P. A. iniciou a classificação dos alunos do grupo escolar Pedro II, por meio dos testes DEARBORN. Dada a falta de provas impressas, êsse trabalho foi interrompido, devendo ser reiniciado logo que esteja pronto o material necessário, de cujo fornecimento se incumbiu o Departamento de Educação.

Pôs S. P. A. à disposição do Chefe do Serviço de Promoção e Classificação dos Alunos a classificação já feita, experimentalmente, pelos mesmos testes, nos grupos escolares — 2.º da Consolação e Maria José, não deixando de declarar o chefe de S. P. A. que as medidas não estalonadas só permitem homogeneização relativa das classes.

Sugeriu S. P. A. ao Chefe do Serviço de Promoção e Classificação dos Alunos que tal classificação-tentativa fosse completada com a avaliação do trabalho escolar do semestre findo. Será, destarte, feita a classificação pelo *nível suposto* de desenvolvimento mental e pelo resultado do trabalho realizado.

3. Cooperação com o Instituto de Educação.

- a) *Classificação dos alunos.* — A pedido do sr. diretor da Escola Primária do Instituto de Educação, S. P. A. levou a efeito a classificação dos alunos de primeiro grau com os testes A-B-C.

A criação do Serviço de Promoção e Classificação dos Alunos, fazendo prever a S. P. A. que logo seria chamado a colaborar com êle na distribuição dos alunos de outros estabelecimentos, sugeriu-lhe a necessidade de fazer, experimentalmente, a distribuição — ainda que arbitrária, dos alunos da Escola Primária do Instituto de Educação. Com aquiescência do diretor desta Escola, aplicaram-se em todos os alunos os testes de DEARBORN e BALLARD. Pronto, porém, o trabalho de classificação, não foi êle utilizado. Ficou, assim, S. P. A. sem a prova experimental do valor de uma classificação-tentativa.

- b) *Gráficos feitos.* — A secção de desenho fez para o dr. Milton da Silva Rodrigues, assistente da 1.^a secção desta Escola, trabalhos gráficos.

- c) *Provas semestrais.* — A pedido do sr. assistente da 5.^a secção do Instituto de Educação, prof. António d'Avila, S. P. A. mimeografou as provas de exame semestral da escola primária anexa.

A sub-assistente de medidas aplicou 481 provas de escolaridade na mesma escola, por solicitação daquele professor à chefia de S. P. A.

4. Cooperação com a Divisão de Psicotécnica da Estrada de Ferro Sorocabana.

Por solicitação do dr. Robert Mange, S. P. A pôs à disposição daquela divisão os seus aparelhos de Psicologia Experimental, havendo já feito empréstimo do Cronoscópio d'ARSONVAL.

5. Cooperações várias:

- a) *Da correlação entre testes que determinam o nível de desenvolvimento mental e testes de coordenação motora.*

Por determinação do Departamento de Educação, S. P. A. está a auxiliar o aluno do 6.^o ano da Escola de Medicina, sr. António Cunha, nas pesquisas necessárias à sua tese sob a epígrafe acima. As alunas da Escola de Professores têm colaborado nesse trabalho.

- b) *Consultas técnicas.* — Várias consultas técnicas têm sido endereçadas a S. P. A., seja de professores de S. Paulo, seja de outros Estados da Federação. S. P. A. tem respondido na medida do possível, fazendo sempre indicações bibliográficas.

II — INTERCÂMBIO.

1. *Conservatório Dramático e Musical.* — Por solicitação de d. Heloísa G. Fagundes, S. P. A. indicou àquele estabelecimento a bibliografia necessária ao Jardim da Infância, aí recém-criado.

A pedido de S. P. A., o sr. prof. Samuel Arcanjo dos Santos ofereceu-lhe cópias do programa desse estabelecimento sob sua direção.

2. *Instituto de Organização Racional do Trabalho.*

I — *Cadastro das profissões em S. Paulo.* — Dada a necessidade premente que tem a secção de Orientação Profissional de S. P. A. desse cadastro, solicitou-se, por intermédio do sr. Breno Ferraz do Amaral, a cooperação de Idort, neste sentido. Grande foi a boa vontade aí encontrada, estando S. P. A. em entendimentos com Idort para levar avante êsse trabalho.

3. *Da homogeneização das classes.* — O chefe de S. P. A., como colaboração dêste a Idort, entregou-lhe para publicação no seu órgão de publicidade, a sua tese à 5.^a Conferência de Educação, sob aquele título. (3)

4. *Biblioteca George Alexander do "Mackenzie College".* — Criada a biblioteca de S. P. A., urgia a preparação da bibliotecária, tirada do seu quadro de funcionários. Por cortezia do Presidente do "Mackenzie College", S. P. A. obteve a permissão para que a sua bibliotecária praticasse na biblioteca daquele estabelecimento, sem quaisquer onus. Inestimável tem sido a colaboração que lhe tem prestado d. Adelfa Rodrigues, diretora dessa biblioteca.

5. *Secretaria da Agricultura.* — Por cortezia do sr. dr. José Vizioli, diretor do Fomento Agrícola dessa Secretaria, recebeu S. P. A. da Secretaria da Agricultura, larga cópia de publicações de grande utilidade para a secção de Orientação Profissional.

(3) SILVEIRA, NOEMI M., *Da Homogeneização das Classes Escolares*, abril e maio 1933, Idort, ns. 16 e 17, ano II.

6. *Departamento de Educação.* — Criada a secção de Desenho e Representação Gráfica, fazia-se mister a preparação especializada da respectiva encarregada. Solicitada a cooperação do sr. J. G. Villin, cartógrafo e desenhista daquele Departamento, prestou-se êle de boa mente a incumbir-se de orientá-la. Devido, porém, ao acervo de trabalho, o sr. Villin foi forçado a suspender essas aulas.

III — CURSOS E REÛNIÕES PARA ESTUDO.

1. *Concurso para provimento de uma vaga de auxiliar em comissão.*

Vago um dos cargos de auxiliar em comissão, devia ser êle preenchido por concurso. Considerando que a publicação dos tópicos de Psicologia Educacional com indicação da bibliografia não bastava para habilitação dos candidatos em número de 100, S. P. A. levou a efeito um curso sôbre a matéria para os concorrentes, divididos em duas turmas. Êsse curso teve a duração de 50 aulas.

2. *Aulas de Psicologia Educacional na Escola de Professores.* Substituiu o chefe de S. P. A. o dr. LOURENÇO FILHO, na 3.^a secção do então Curso de Aperfeiçoamento, quando foi nomeado para essa chefia. Com a aquiescência do diretor do Departamento de Educação, foi êsse trabalho considerado como parte das funções de S. P. A., determinação que é sumamente acertada, porquanto não se compreende dualidade de direito e atribuições no trabalho de Psicologia Educacional, num mesmo estabelecimento. Sem prejuizo do tempo de trabalho no S. P. A., o chefe dêste deu três mêses de aulas, segundo a técnica de grupos de discussão. (4)

- a) *Do regime das aulas.* — O assunto das aulas é proposto sob a fórmula de problema, com a indicação da bibliografia adequada à solução. Distribuidos por grupos, pesquisam os alunos essa solução, registam-na em fichas, bem como as leituras feitas, e, em aulas, sob a orientação do professor, debatem as soluções encontradas, por meio dos seus representantes, prèviamente escolhidos.
- b) *Do resultado das aulas.* — Os alunos não tinham conhecimento de processos racionais de estudo. A verificação dêste fato deu ao chefe de S. P. A. a convicção

(4) Instituto de Educação, Programa dos cursos de 1933 da Escola de Professores, 18 de junho de 1933, «Jornal do Estado», n.º 126, ano I.

de que, no momento, importava mais a perfeição do processo de pesquisar, estudar, discutir que realmente a soma de conhecimento. Parece que têm êles progredido nesse sentido. Os fichários por êles organizados possuem atualmente 1.486 fichas do 1.º ano A ao 1.º ano B, sôbre os seguintes assuntos:

1. Definições de Psicologia.
2. Auto-observação, introspecção.
3. Método em Psicologia.
4. Escolas psicológicas.
5. Investigação científica.
6. Método científico.
7. Hereditariedade.
8. Emoção
9. Motivação.
10. Frustração de motivos. Maus ajustamentos.
11. Aprendizagem, noções gerais.
12. Leis da aprendizagem.

c) *Do preparador e assistente da 3.ª secção da Escola de Professores.* — Sendo, portanto, o chefe de S. P. A. o atual professor chefe da Secção, o preparador e assistente respectivos têm sido, transitòriamente, considerados membros do serviço. E, como tal se têm êles conduzido, tomando parte, freqüentemente, nas reuniões para estudo coletivo.

3. *Palestra em Campinas sôbre a transferência de aprendizado.*

A convite do Centro de Cultura Intelectual de Campinas, realizou o chefe de S. P. A. na cidade vizinha uma palestra sôbre o tema: *A moderna teoria da transferência do aprendizado como argumento favorável à renovação escolar.* Como resultado dessa visita, professores de Campinas, dd. Sílvia Simões Magro, Ondina Vilela, snr. Nelson Omega estiveram em visita a S. P. A. para conhecimento da técnica dos grupos de discussão e das reuniões de seminário.

4. *Da preparação dos funcionários de S. P. A.* — Completamente novo em S. Paulo, S. P. A. exige o preparo especializado dos seus funcionários. Daí a necessidade de tomar duas medidas:

- a) Indicação e pesquisa da bibliografia necessária para êsse fim;
- b) Organização e realização de cursos de estudo.

- a) *Indicação e pesquisa da bibliografia especializada.* — Esta necessidade determinou a criação e organização da biblioteca especializada do serviço. Entregue à funcionária que se está a especializar no “Mackenzie College”, a Biblioteca de S. P. A. tem procurado obter as obras de que precisam os funcionários. (V. trabalhos realizados pela Secção Biblioteca e Museu da Criança).
- b) *Organização e realização de cursos de estudo.* — Foram organizados, neste semestre, os cursos seguintes, ora em andamento:
1. Psicologia educacional (para todos os funcionários do Serviço);
 2. Medidas mentais (para os funcionários da Secção de Medidas);
 3. Orientação Profissional (para os funcionários da Secção de Orientação Profissional);
 4. Dactilografia (para todos os funcionários do Serviço);
 5. Taquigrafia (para os funcionários que solicitaram);
 6. Desenho.

5. *Reuniões de seminário.* — Não bastava, porém, a iniciação dos auxiliares nos trabalhos a seu cargo. Tornou-se, desde logo, necessário manter sempre vivo o interesse pelo estudo da questão a que se dedicaram, sob pena de estagnação do serviço. Continuou-se, portanto, a organizar reuniões de seminário, para estudo, debates e pesquisas de questões atinentes à Psicologia Aplicada à Educação.

Essas reuniões se têm realizado semanalmente, salvo quando a grande soma de trabalhos o impede, sob a presidência rotativa dos vários membros de S. P. A. Tem, assim, cada um deles oportunidade de fazer treino de direção de assembléias. Constam os trabalhos de leitura de contribuições de valor e discussão em conjunto de problemas de interesse geral.

IV

I — SECÇÃO DE MEDIDAS.

A secção de medidas abrange duas sub-secções — medidas mentais e medidas do trabalho escolar, ambas com o mes-

mo objetivo — a determinação das diferenças individuais, afim de que possam ser as classes dos nossos estabelecimentos de ensino objetivamente avaliadas para informação segura dos seus elementos.

A preocupação de que cada aluno é, num certo sentido, um problema porque tem características próprias que guiam, determinam e limitam a ação educativa é que inspirou os seguintes trabalhos da secção:

1. Pesquisar e estudar os meios de determinar as diferenças individuais;
2. Tornar disponíveis para as escolas êsses meios.

1. *Pesquisa e estudo dos meios de determinar as diferenças individuais:*

- a) *Testes de DEARBORN.* — (Serie I, A e B) — Com a criação do Serviço de Classificação e Promoção de Alunos, tornava-se indispensável a S. P. A., que se incumbia dessas funções, entregar ao chefe respectivo, uma escala de testes psicológicos já aferida para 1934. Daqueles que S. P. A. vinha estalonando era o teste de DEARBORN o de aplicação mais avançada. Continuou-se pois a aplicá-lo, sendo o resultado do trabalho o seguinte:

I — *Aplicação.*

1. Preparação de sete séries de fichas para aplicação dos testes;
2. Organização do material (Secção de desenho);
3. Aplicação do teste.

a) Grupo Esc. S. José do Ipiranga	136 prov.
b) Esc. Prim. do Inst. de Educação	597 prov.
c) Grupo Escolar Maria José . . .	1.024 prov.
d) Grupo Escolar Pedro II . . .	701 prov.
e) 2.º Grupo Escolar da Consolação	535 prov.
Total de aplicações . . .	2.993 prov.

II — *Avaliação:*

1. Organização das chaves para avaliação das provas (secção de desenho);
2. Avaliação de 2.460 provas.
3. Pesquisas do Q. I.
4. Listas de classificação dos alunos.
5. Tabulagem de freqüência.

- a) dos pontos em cada idade;
- b) do tempo gasto por 2/3 das classes.

III — *Vários trabalhos.*

- 1 Onze reuniões para estudo e comentário das aplicações realizadas.
2. Informação sobre a técnica do teste — sob sigilo — às irmãs de S. José da Escola Normal Livre de Itú e ao sr. Chefe do Serviço de Classificação e Promoção de Alunos.

IV — *Cooperação.*

Colaboraram com grande boa vontade, neste trabalho, oferecendo a S. P. A. as condições materiais indispensáveis à realização dos testes, os srs. diretores Carolina Ribeiro, Laura Prestes Barra, Odon Cavalcanti Maranhão, Olívio Gomes e os srs. António F. de Proença e João Batista de Brito, respectivamente diretores dos grupos escolares 2.º da Consolação, São José do Ipiranga, Maria José, Pedro II, e diretor da Escola Primária e Secundária do Instituto de Educação e vice-diretor da Escola Secundária desse Instituto.

- b) *Teste das cem questões de BALLARD.* — O teste das cem questões de BALLARD, que S. P. A. pretende ter aferido para junho de 1934, foi também aplicado com vistas à estalonagem.

I — *Preparação*

- a) do material para aplicação (secção de desenho).

II — *Aplicação.*

- a) Grupo Escolar S. José do Ipiranga 128 prov.
- b) Esc. Primária do Inst. de Educação 286 prov.

III — *Avaliação.*

- a) Número de provas 414 rov.

IV — *Classificação.*

- a) Organização de listas com a classificação dos alunos examinados.
- b) Pesquisa do Q. I.

2. Medidas aplicadas para determinação das diferenças individuais.

- a) *Teste A-B-C.* — Já estalonados por LOURENÇO FILHO, autor destes testes, podiam ser êles imediatamente aplicados para classificar os alunos, segundo a maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. Sentiram-no os senhores diretores Laura Prestes Barra, do Grupo Escolar de S. José (particular), António F. de Proença, diretor da Escola Primária e Secundária do Instituto de Educação, Serafim de Oliveira, do Grupo Escolar Marechal Deodoro, Francisco Pádua Ramos, do Grupo escolar Godofredo Furtado, e Carolina Ribeiro, do 2.º Grupo Escolar da Consolação. Por êles solicitado, S. P. A. deveria fazer a classificação dos alunos de primeiro grau. S. P. A., porém, só pôde fazer a dos alunos da Escola Primária do Instituto de Educação, e a do Grupo S. José, por ser particular. Viu-se na impossibilidade de atender os pedidos de d. Carolina Ribeiro, devido a falta de mobiliário no grupo e dos srs. diretores Francisco Pádua Ramos e Serafim de Oliveira porque os grupos respectivos estão afetos ao Serviço de Classificação e Promoção de Alunos.

I — Aplicação

1. Grupo S. José do Ipiranga . . .	248 prov.
2. Esc. Prim. do Inst. de Educação . . .	228 prov.
Total	3.808 prov.

II — Vários trabalhos.

Os testes A-B-C deram oportunidade para os trabalhos seguintes:

1. Preparação do material para aplicação;
2. Avaliação de 3.808 provas;
3. Listas de Classificação dos alunos;
4. Explicações relativas à técnica dos testes para a professora Judith Faraco e três classes de alunos do Curso Complementar do Instituto de Educação (colaboração pedida pelo sr. prof. António d'Avila, assistente da 5.ª secção).

- b) *Escala BINET-SIMON.* — Por solicitação do sr. Chefe do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar,

a título experimental, foram aplicados os testes BINET-SIMON em alunos destinados às classes de débeis mentais, ora da atribuição daquele serviço.

I — *Aplicação.*

1. Escola Prim. do Inst. de Educação	10 alun.
2. Esc. Prim. da E. Normal "Padre Anchieta"	8 alun.
3. G. E. "Eduardo Carlos Pereira"	7 alun.
4. Grupo Escolar "Eduardo Prado"	4 alun.
5. 3.º Grupo Escolar do Braz	9 alun.
Total	38 alun.

II — *Avaliação.*

1. Número de provas avaliadas	1.042 alun.
2. Avaliação da idade mental	28 alun.
3. Avaliação do Q. I.	28 alun.

III — *Colaboração.*

Prestaram seu valioso auxílio a êste trabalho os srs. Armando Gomes de Araújo, Valfredo Arantes Caldas, António F. de Proença, Benedito de Albuquerque e João de Azevedo Brandão.

"*Army Mental Test*".—A fim de obter-se classificação aproximada do nível de desenvolvimento mental dos candidatos ao concurso para provimento de uma vaga de auxiliar em comissão, applicou-se o "*Army Mental Test*" em 58 indivíduos.

d) *Testes de coordenação motora.* — (Técnica de LÉON WALTHER)

Por determinação do Departamento de Educação, S. P. A., a fim de prestar colaboração à tese do sr. António Cunha, sextanista da Escola de Medicina, fez, por intermédio desta secção, estudo e aplicação de testes de coordenação motora.

I — *Preparação.*

1. de 18 alunos da Escola de Professores, encarregados do trabalho.
2. das fichas e material para aplicação.

II — *Aplicação.*

1. Esc. Primária do Instituto de Educação, experimentalmente	71 alun.
2. Grupo Escolar Maria José	124 alun.
3. 2.º Grupo Escolar da Consolação	79 alun.
Total dos indivíduos examinados	274 alun.
Total de provas	822 provas

III — — *Colaboração.*

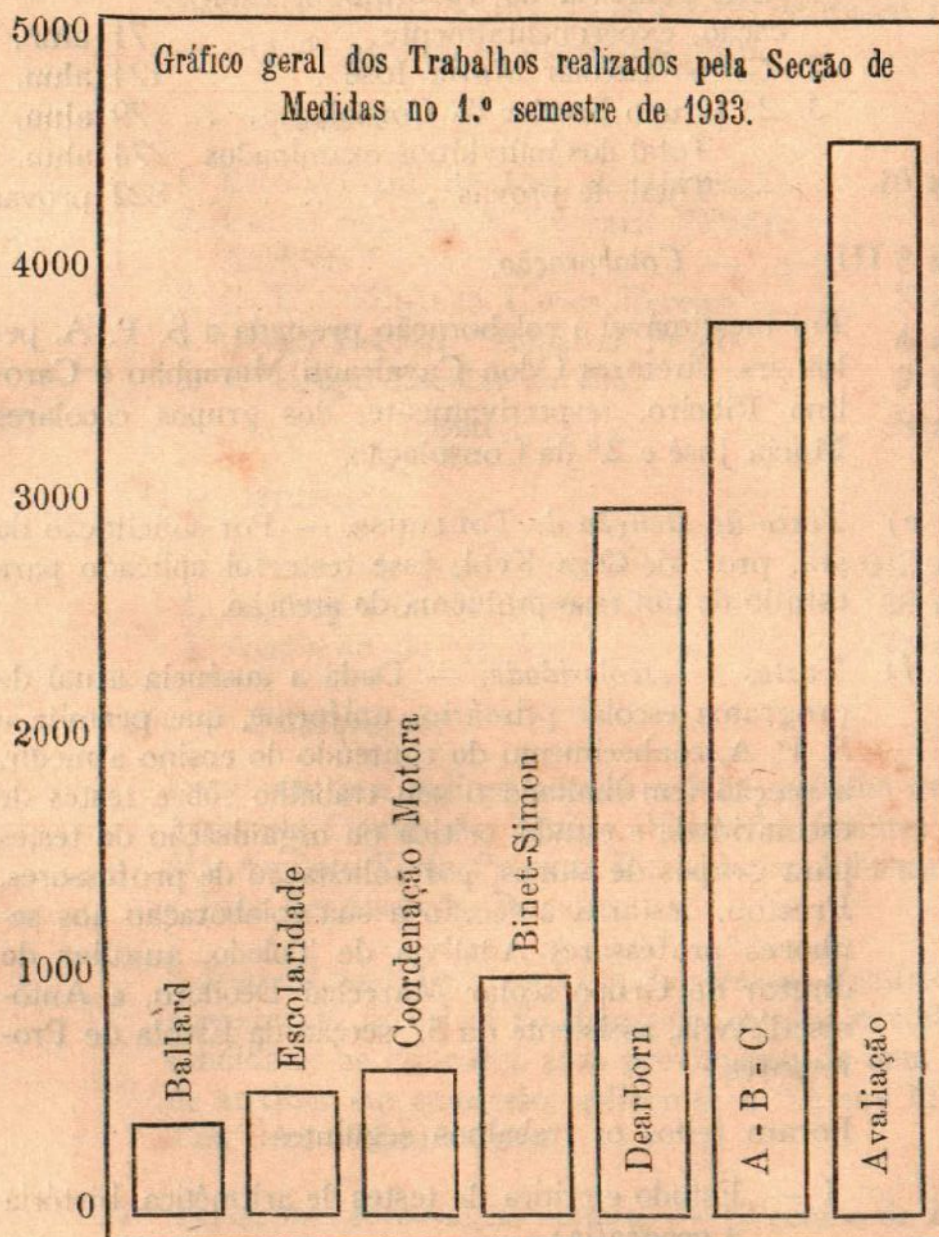
Foi inestimável a colaboração prestada a S. P. A. pelos srs. diretores Odon Cavalcanti Maranhão e Carolina Ribeiro, respectivamente, dos grupos escolares Maria José e 2.º da Consolação.

- e) *Teste de atenção de TOULOUSE.* — Por solicitação da sra. prof. d. Olga Kehl, êsse teste foi aplicado para estudo de um caso-problema de atenção.
- f) *Testes de escolaridade.* — Dada a ausência atual de programa escolar primário, uniforme, que permita a S. P. A. conhecimento do conteúdo do ensino a medir, a secção tem limitado o seu trabalho sôbre testes de escolaridade e estudo, crítica ou organização de testes para grupos de alunos, por solicitação de professores. Prestou, destarte, a secção a sua colaboração aos senhores professores Adalívia de Toledo, auxiliar do diretor do Grupo escolar Marechal Deodoro, e António d'Avila, assistente da 5.ª secção da Escola de Professores.

Foram feitos os trabalhos seguintes:

- I — Estudo e crítica de testes de aritmética, história e geografia;
- II — Construção de testes (para aplicação no grupo escolar Pedro II) de história, geografia, ciências físicas, aritmética e leitura.
3. *Trabalhos diversos realizados pela secção.* — Além dos trabalhos mencionados, a secção se ocupou de:
- I — organização de um questionário relativo às condições de uma boa aplicação de testes;
- II — estudo, na escola primária do Instituto de Educação, de problemas escolares;

- III — cópias a máquina (Código de Educação);
 IV — impressão no mimeógrafo.



II — *Secção de Orientação Profissional:*

1. *Da Divisão dos Trabalhos e seus objetivos.* — É do relatório de 1931 de S. P. A. as nossas palavras que, por ainda julgarmos oportunas, aqui repetimos:

Um serviço de Orientação Profissional bem organizado compreende:

- a) Conhecimento do indivíduo a orientar;
- b) Conhecimento por parte do indivíduo das oportunidades profissionais e educacionais do meio;

- c) Aconselhamento. Escola da profissão;
- d) Colocação dos indivíduos orientados;
- e) Trabalho de coordenação. Fiscalização para reajustamento dos colocados.

Em início, não poderia a secção de Orientação Profissional de S. P. A. abranger programa tão vasto. Não só não conta com o pessoal treinado, como não tem os fundos económicos precisos. Que fazer? Dos tópicos acima, um se tornava necessidade premente — a formação da mentalidade profissional dos alunos. (V. letra b).

Da determinação do objetivo surgiu a divisão da secção de Orientação Profissional:

- a) sub-secção de orientação profissional e educacional;
 - b) sub-secção de pesquisas.
- a) Abrange a primeira as aulas de orientação profissional que tratam de dar aos alunos, prestes a deixar a escola, conhecimento do mundo das profissões e das escolas;
 - b) A segunda faz as indagações necessárias referentes às profissões e escolas, a fim de oferecer a outra sub-secção os conhecimentos que serão objeto dessas aulas.

2. *Cursos-pre-vocacionais.* — As atividades de Orientação Profissional, porém, só são possíveis nas escolas que, possuindo pequenas oficinas, possam oferecer oportunidade aos alunos de conhecimento do trabalho e de suas aptidões próprias em função de prática real, nas profissões manuais. Foi nesse sentido que a chefia de S. P. A. solicitou do sr. Diretor Geral do Departamento de Educação a criação de um curso pré-vocacional. Espera S. P. A., dentro em breve, essa realização.

3. *Dos trabalhos realizados.* —

- a) *Obstáculos encontrados.* — De início, dous obstáculos se levantaram contra as atividades da secção de Orientação Profissional: a aplicação de testes no grupo de S. José do Ipiranga, que exigiu o trabalho de todos os funcionários de S. P. A. e as aulas de Psicologia Educacional que o assistente da secção se prestou a dar, sem onus para o Estado, na 6.^a série da Escola Secundária do Instituto de Educação, até que fosse definitivamente preenchido o cargo.

Não aludimos, além disso, ao trabalho de distribuição dos auxiliares em comissão pelas várias secções, o que

demandou tempo e atenção. Foi, portanto, em fins de abril que a secção de Orientação Profissional teve regularizada a sua vida.

b) *Questionário do Instituto J. J. Rousseau.* — Concomitantemente com as aulas de Psicologia Educacional e de princípios de Orientação Profissional, os funcionários (5) da secção foram se preparando para as lições de Orientação que iriam dar na Escola Primária do Instituto de Educação. Precisavam, porém, de início obter informações sobre os elementos com que contariam. Com esse fim, aplicou-se em 135 alunos de 4.º grau dessa escola o questionário do Instituto J. J. Rousseau, já adaptado ao português pela secção em 1931. Apesar de deficiências do questionário, após estudo acurado das respostas, que foram computadas e tabuladas, resultaram informações de valor para o andamento das aulas a se iniciarem.

c) *Aulas de Orientação Profissional no quarto grau primário.*

1. *Início e Objetivo.* — A 25 de abril, iniciaram-se então as aulas, cujo objetivo é:

- 1) estimular e encorajar o interêsse por educação futura;
- 2) tornar conhecidos do aluno os vários modos por que se pôde ganhar a vida, com atenção especial à dignidade do trabalho e do trabalhador, qualquer que seja;
- 3) familiarizar o aluno com os métodos de estudo de uma profissão, de modo que, em quaisquer circunstâncias, possa fazer escolha avisada de uma vida de trabalho;
- 4) preparar o aluno a compreender os problemas profissionais;
- 5) acentuar o ponto-de-vista social em todo o trabalho, com atenção especial às qualidades de caracter que garantem o sucesso.

2. *Preparo de funcionários.* — Os funcionários do Serviço de Orientação Profissional, porém, careciam de preparo especializado para essas aulas. Daí, a assisten-

(5) V. pág. 8 — Das aulas para preparação dos funcionários de S. P. A.

SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA

MEDICO

PSICÓLOGO

INDUSTRIAIS, COMERCIANTES
GRICULTORES, PROFISSIONAIS
PROLETARIADO

PAIS

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E EDUCACIONAL

ESTUDO DO PROGRAMA

REGISTO DE INFORMAÇÕES

FICHARIO DOS ALUNOS

DADOS MEDICOS

MONOGR.FIA PROFISSIONAL

DADOS PSICOLOGICOS

OPORTUNIDADE DE COLOCAÇÃO

DADOS DOS PAIS E PROFESSORES

OBSERVAÇÃO DOS COLCAD

4.º ANO
FORMAÇÃO DA MENTALIDADE

AULAS DE OCUPAÇÃO

CONHECIMENTOS DE ATIVIDADES DE MANUAIS

TRAI PRO

ENT P

EX CON DR

CON POR REF

VI ESC ONA

AI S

PROFESSORES

NAL

**TRABALHO DE ORIENTAÇÃO
PROFISSIONAL E EDUCACIONAL**

**ENTREVISTAS
PESSOAIS**

**EXCURSÕES
COM FINALIDADES
PROFISSIONAL**

**CONFERENCIAS
POR PROFISSIONAIS
REPRESENTATIVOS**

**VISITAS A
ESCOLAS PROFISSI
ONAI S E TÉCNICAS**

**CONCURSOS
DE DESENHO**

...

**5º ANO
PRE-VOCACIONAL
ORIENTAÇÃO
PROPRIAMENTE DITA**

**AULAS
de OCUPAÇÃO**

**CLASSES
PRE-VOCACIONAIS**

**COLOCAÇÃO NO
TRABALHO E NO ESTUDO**

**FISCALIZAÇÃO NO
TRABALHO E NO ESTUDO**

**ESCOLAS DE CONTINUA-
ÇÃO PARA OS DE IDADE**

PROFISSIONAL E EDUCACIONAL

DO PROGRAMA

TRABALHO DE ORIENTAÇÃO
PROFISSIONAL E EDUCACIONAL

4.º ANO
FORMAÇÃO DA
MENTALIDADE

AULAS DE
OCUPAÇÃO

CONHECIMENTOS
DE ATIVIDADES
MANUAIS

ENTREVISTAS
PESSOAIS

EXCURSÕES
COM FINALIDADES
PROFISSIONAL

CONFERENCIAS
POR PROFISSIONAIS
REPRESENTATIVOS

VISITAS
A
ESCOLAS PROFISSIONAIS
ONIAIS E TECNICAS

CONCURSOS
DE DESENHO

CINEMA

5.º ANO
PRE-VOCACIONAL
ORIENTAÇÃO
PROPRIAMENTE DITA

AULAS
de OCUPAÇÃO

CLASSES
PRE-VOCACIONAIS

COLOCAÇÃO NO
TRABALHO E NO ESTUDO

FISCALIZAÇÃO NO
TRABALHO E NO ESTUDO

ESCOLAS DE CONTINUAÇÃO
PARA OS DE IDADE
INADEQUADA AO TRABALHO

te da secção ter determinado que os planos das aulas fossem criticados e debatidos previamente.

Em número de 40, essas aulas, após serem dadas, são de novo criticadas pelos funcionários que as assistem e pelos professores das classes em que se realizam. Neste sentido, tem sido inestimável a colaboração das senhoras professoras da Escola Primária do Instituto de Educação: dd. Alice Teixeira, Mary Quirino dos Santos, Eulina Veiga e Palmira Amazonas Sampaio e dos senhores António F. de Proença, diretor da Escola Primária e Secundária do Instituto de Educação, e João Batista de Brito, vice-diretor da Escola Secundária dêsse Instituto. Dentro de quatro meses, contamos ter quatro orientadores profissionais preparados para se incumbirem da Orientação Profissional em quatro grupos escolares.

3. *Dos alunos.* — Frequentam essas aulas 165 alunos de 4.º grau do Instituto de Educação.

4. *Do regime das aulas.* — O Serviço de Orientação Profissional não tem programa rígido para as aulas, afim de poder atender o interesse dos alunos. As unidades de trabalho têm sido assim desenvolvidas, aproximadamente, dentro do objetivo desejado. Duas classes seguem o sistema de grupos de discussão, e em duas outras, o regime comum de trabalho.

Em uma das classes, surgiu o interesse por uma caixa de madeira destinada à correspondência que os alunos deviam endereçar ao orientador. A construção da caixa levou os alunos ao conhecimento da profissão de marceneiro. Visitou-se o curso de marcenaria do Instituto Profissional Masculino e encerraram-se as aulas do semestre, com a monografia da profissão, feita pelos alunos. As circunstâncias vão, assim, sugerindo e impondo o método de projetos.

Consultado o professor de marcenaria da Escola Secundária do Instituto de Educação, prof. Benedito Moraes, grande foi a boa vontade com que atendeu aos funcionários da secção.

5. *Do programa das aulas.* — Cada um dos orientadores elaborou programa para as suas aulas. Êsses programas, ora em estudo, vão ser criticados e emendados na primeira quinzena de julho.

d) *Das pesquisas realizadas.* —

1. *Monografias.* — A sub-secção de pesquisas desta secção tem compilado monografias profissionais e já tra-

çou um plano experimental para estudo das profissões, em nosso meio.

Foi com êste objetivo de estudar as profissões, que um dos auxiliares em comissão no serviço de Orientação Profissional, visitou Idort e o Departamento Estadual do Trabalho, onde encontrou nas pessoas de seus diretores, grande boa vontade em colaborar com S.P.A.

2. *Traduções.* — Traduziram-se várias monografias, questionários e planos de orientação profissional do inglês e francês.

e) *Várias atividades.*

A assistente da secção incumbiu-se, sem onus para o Estado, das aulas de Psicologia Educacional da 6.^a série da Escola Secundária do Instituto de Educação, até a nomeação do assistente respectivo, o que se deu a 19 de abril. Assistiu também aulas do dr. Papaterra Limongi, no Centro de Estudos e Ação Social, sobre Condições e Legislação do Trabalho.

III — *Secção de Estudo do Programa e Problemas Escolares.*

1. *O porquê da nova secção.* — Com a reorganização Fernando de Azevedo de S. P. A., foi criada uma secção de — Estudo do Programa e Problemas Escolares. Esta criação se justifica plenamente porque a descoberta da verdadeira natureza, variedade e extensão das diferenças individuais, questão fundamental para um serviço desta espécie, deu em resultado conceito diverso do programa. Enquanto a população escolar consistia só da elite intelectual e social, o conceito disciplinar do valor de certos estudos prevaleceu no programa. Os estudos mais abstratos podiam ser incluídos com grande probabilidade de que algum transfer e generalização se dessem ou de que tais matérias teriam valor utilitário para o aluno. As modernas investigações psicológicas lhe revelaram as limitações. Tornou-se necessária completa reorganização do programa. A razão desta reorganização não foi o que aprioristicamente se julgou bom ou mau. Tem, antes, como fundamento o estudo real da criança, o conhecimento de suas necessidades presentes e futuras.

Competia, pois a um Serviço de Psicologia Aplicada á Educação o estudo das bases psicológicas do programa. A construção do programa apela para um serviço dessa natureza, a fim de que determine os ajustamentos sucessivos dos

métodos e matérias às necessidades da criança. Não esqueçamos, por outro lado, que foram as aplicações da psicologia à educação que deram em resultado as revisões do programa.

No campo do estudo do programa, portanto, o trabalho dos peritos em psicologia é muito necessário para:

- a) estudar o problema da diferenciação dos processos de ensino e das matérias a serem ensinadas para as crianças avançadas, atrasadas e normais;
- b) permitir determinação dos graus diversos do progresso dos alunos na aquisição de técnicas e no trabalho escolar em geral;
- c) determinar as possibilidades de unificação das atividades da criança em contraste com a divisão dessas atividades por matérias discriminadas;
- d) pôr em evidência o valor da escolha e arranjo das matérias com vistas ao interesse e necessidade da criança, objetivamente determinados;
- e) formar especialistas em construção de programa, pela experimentação psicológica, a fim de determinar as necessidades e interesses das crianças e os efeitos dos diferentes processos educativos.

Além da construção do programa, a nova secção se ocupa dos problemas da escola que exigem pesquisa psicológica.

Preliminarmente, a título de tentativa, dividiu-os em:

- a) problemas associados com a natureza da curva do aprendizado para crianças diferentes, em várias funções;
- b) problemas relacionados com a natureza, variedade e duração do interesse dos alunos em estágios diferentes de desenvolvimento;
- c) problemas indiretamente relacionados com o ensino (autonomia, disciplina, educação no lar).

2. *Trabalhos realizados.* — Foi em fins de maio que a nova secção começou a funcionar.

- a) *Critérios para escolha das unidades de trabalho do programa.* — Logo de início a sub-assistente encarregada da Secção, traduziu o capítulo sob êsse título do "Curriculum Construction in the Primary School", (Lincoln School Staff) por solicitação da professora d. Lucila Dente, assistente da 5.^a secção da Escola de Professores do Instituto de Educação.

- b) *Coletânea de programas.* — Tratou também de obter coleções de programas para arquivo especializado. Foi-lhe inestimável neste sentido a colaboração dos srs. professores dr. Horácio Berlinck, Samuel A. dos Santos, Aprígio Gonzaga, Horácio Silveira e dr. José Vizioli, respectivamente diretores da Escola de Comércio "Alvares Penteado", Conservatório Dramático e Musical, Instituto Profissional Masculino, Instituto Profissional Feminino, diretor do Fomento Agrícola da Secretaria da Agricultura.

IV — *Secção de Estatística e Arquivo.*

1 *Processo geral usado.* — Apesar do relevante papel que tem em S. P. A., a secção de Estatística e Arquivo teve pequena soma de trabalho de estatística, uma vez que a colheita de dados, sobre os quais vai fazer os cálculos, ainda não foi terminada pelas outras secções.

Não se dará, porém, o mesmo, no segundo semestre, em que a sub-assistente da secção submeterá os dados obtidos pelas secções incumbidas de pesquisas, à marcha seguinte:

- a) Tabulagem da freqüência, agrupamento e arredondamento dos valores;
- b) Determinação das medidas de tendência central;
- c) Determinação das medidas de variabilidade;
- d) Coeficientes de variação. Comparação de grupos representativos;
- e) Determinação do grau de confiança da medida empregada;
- f) Cálculos para determinação do coeficiente de correlação;
- g) Processos gráficos gerais — curva de freqüência;
- h) Adaptação da curva teórica aos dados obtidos. Transformação dos valores em termos de sigma e erro provável.

2. *Trabalho realizado.*

- a) *Testes DEARBORN.* —

I — Tabulagem da freqüência do número de pontos obtidos pelas crianças dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º graus do Instituto de Educação.

Valores tabulados 517

II — Interpretação provisória desses valores em função da idade cronológica.

Cálculos feitos 558

b) *Do arquivo.*

A sub-assistente da secção tem a seu cargo o arquivo do Serviço. Reorganizou neste semestre o arquivo geral, sendo acrescido de 50 o número de pastas.

c) *Do almoxarifado.* — O registo do material existente no serviço foi reorganizado segundo o sistema KARDEx, com a colaboração do técnico da Casa Pratt. Fizeram-se 88 fichas novas.d) *Das aulas de preparação.* — O encarregado incumbiu-se das aulas de datilografia para todos os funcionários do Serviço num total de 176 aulas no semestre.e) *Trabalhos de datilografia.* — Devido à solicitação do sr. Diretor do Departamento de Educação, a encarregada desta secção, auxiliada pela encarregada da secção de Medidas, se ocupou durante dous meses, numa média diária de oito horas, dos trabalhos de dactilografia do Código de Educação.

Número de páginas dactilografadas 455

f) *Correspondência.* — Todo o trabalho de correspondência e dactilografia do Serviço, foi feito pelo encarregado da secção, num total de 134 trabalhos diversos.g) *Trabalhos vários.* — Por solicitação da auxiliar do diretor do grupo Marechal Deodoro, a encarregada da secção prestou-lhe informações referentes à construção de polígonos de frequência.

V — SECÇÃO DE DESENHO E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA.

1. *Objetivo.* — Outra nova secção do S. P. A. é a de desenho que se justifica pela grande cópia já de gráficos, já de cartazes de que necessita o serviço. Não é, porém, só a feitura destes trabalhos o objetivo da secção: cuida também de estudar as bases psicológicas do desenho e de pesquisar a correlação existente entre o nível de desenvolvimento mental e a auto-expressão pelo desenho.

2. *Trabalhos realizados.* —

a) *Cartazes DEARBORN.* — Para aplicação dos testes DEARBORN a encarregada da secção fez quinze cartazes.

b) *Cartazes BALLARD.* — A coleção de oitenta e três cartazes para aplicação dos testes de BALLARD foi revista e corrigida. Elabora-se presentemente nova coleção.

c) *Desenhos e gráficos.* — Para fins diversos, fizeram-se: quatro gráficos e vários desenhos. Desses gráficos alguns foram feitos para o dr. Milton da Silva Ro-

drigues, assistente da 6.^a série da Escola Secundária do Instituto de Educação.

- d) *Pesquisas relativas ao desenho infantil.* — Após a elaboração de um plano de pesquisas, a encarregada da secção deu início ao estudo da auto-expressão criadora da criança, pelo desenho, trabalho inicial para a determinação futura da correlação existente entre o nível de desenvolvimento mental e essa expressão.

VI — SECÇÃO DE BIBLIOTECA E MUSEU DA CRIANÇA.

I — *Da Biblioteca.*

1. *Razão de ser desta biblioteca.* — Inovação no Brasil, S. P. A. não contava de início com o pessoal treinado de que necessitava. Se as aulas, reuniões para estudo, muito podiam conseguir no sentido de preparação eficaz, esta, porém, só seria completa se cada membro do Serviço dispusesse dos meios de preparo próprio. Urgia possuir S. P. A. uma biblioteca que, sendo especializada, pudesse fornecer a cada um deles as oportunidades exigidas por essa preparação especial. Daí a criação da Biblioteca.

2. *Dos volumes que possui.* — A Biblioteca do Serviço conta atualmente com 318 volumes, dos quais 186 pertencem ao S. P. A. e 132 aí estão por empréstimo de vários membros do Serviço. Possui ainda uma coleção de revistas, folhetos e cartazes.

Fizeram valiosas doações à Biblioteca os senhores: D. Stela de Miranda Azevedo, drs. Abraão Ribeiro, Jairo Bueno de Camargo, David Ribeiro, João Batista Damasco Pena, Companhia de Melhoramentos de São Paulo e Editora Nacional.

3. *Da organização.* — A bibliotecária do Serviço está a fazer curso de Biblioteconomia no "Mackenzie College". Resulta daí o fato de ser o plano de organização da Biblioteca o mesmo da "George Alexander", do "Mackenzie College".

a) *Classificação.* — A classificação adotada é a decimal de DEWEY, com as modificações requeridas pela adaptação aos fins a que se destina. As principais divisões dessa classificação são as seguintes:

- 000 — Trabalhos gerais
- 100 — Filosofia
- 200 — Religião

- 300 — Sociologia
- 400 — Linguagem, Filologia
- 500 — Ciência Pura
- 600 — Ciência Aplicada
- 700 — Belas Artes
- 800 — Literatura — Ficção
- 900 — História

Além do número de classificação, cada livro tem um número composto da inicial do autor, dous números tirados do "Cutter Table" e a inicial do título. Esse número serve para distinguir os livros que têm o mesmo número de classificação e o "Cutter number".

Assim combinados, os dous números identificam o livro.

- b) *Distribuição.* — Os livros são arranjados nas prateleiras pela ordem do número de classificação. A vantagem dessa distribuição é que, sendo necessária a remoção de livros por quaisquer circunstâncias, não há necessidade de modificar a classificação.
- c) *A catalogação de livros é feita pelas regras da Wisconsin Library School.*

Cada livro da biblioteca possui os cartões seguintes (alguns ou todos):

1. Cartão de autor
2. Cartão de título
3. Cartão de estante
4. Cartões analíticos: autor, assunto, livro
5. Cartões de editor, ilustrador, tradutor ou compilador
6. Cartão de série (ou de coleção)
7. Cartão de título parcial (parte do título pelo qual o livro é geralmente conhecido).

As fichas do catálogo darão assim as seguintes informações: se existe na biblioteca um livro de tal autor, se existe algum com tal título, quais os livros existentes na biblioteca que tratam de tal assunto. A denominação do cartão é feita mediante a indicação que aparece na primeira linha de cada um: título ou assunto; assunto analítico, etc. Os cartões de estante são idênticos aos de autor e são colocados à parte. Todos os cartões, menos os de estante, aparecem no catálogo público, em ordem alfabética.

Geralmente, os cartões são feitos na língua em que o livro é escrito, salvo os de assunto e notas.

d) *Retirada.* — Cada livro tem um envelope, uma ficha com o nome do autor, título da obra, espaço para o nome do consulente e data, e uma folha com a data de entrega. Quando o livro é retirado da biblioteca, a bibliotecária anota na ficha o nome do consulente e a data em que o livro deve voltar à biblioteca. Essa data também escrita na folha de data de entrega. A ficha é guardada na biblioteca, para de novo ser colocada no livro, quando da devolução dêste.

4. *Do Fichario da Biblioteca.* — O fichário da Biblioteca possui atualmente 761 fichas de leitura, que contém resumos ou traduções de trechos lidos. Essas fichas têm sido usadas pelos alunos do Instituto de Educação e pelos funcionários de S. P. A.

A organização anterior do fichário era somente feita pela ordem alfabética. Sendo evidentes os inconvenientes dessa classificação, num fichário dessa natureza, foi iniciada uma outra por assuntos. Embora esta classificação não esteja terminada, já é possível verificar-se a superioridade do novo sistema.

Cada ficha tem um número que a identifica. Quando a ficha é retirada da biblioteca a bibliotecária anota, numa ficha “falta” especial, o nome do consulente, data e o número da ficha.

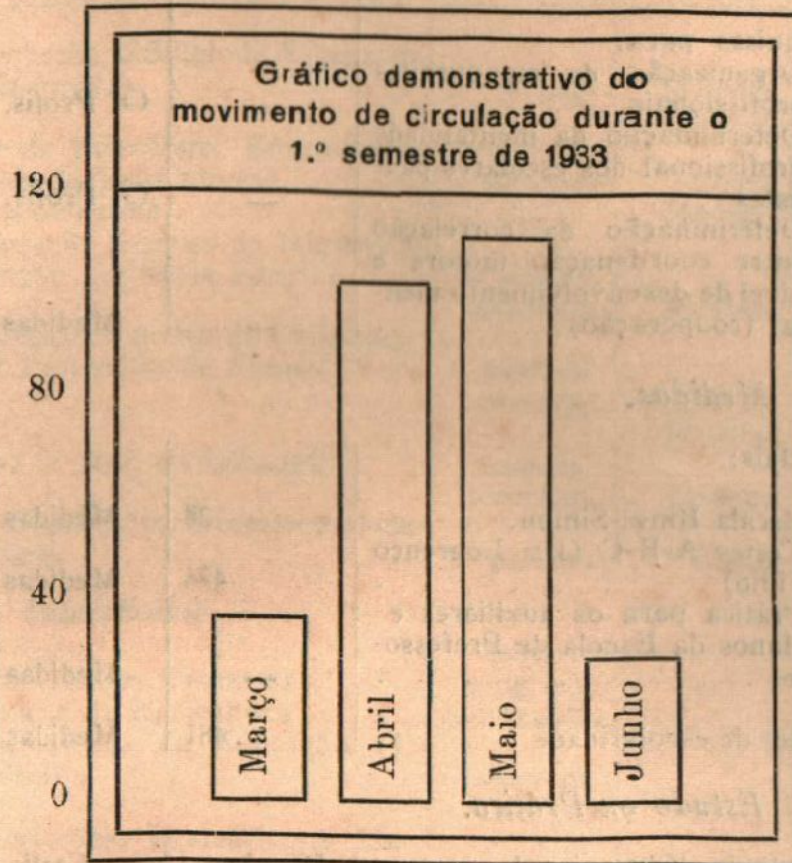
5. *Traduções.* — A bibliotecária tem sido solicitada por alunos do Instituto de Educação, funcionários de S. P. A. e pessoas estranhas para fazer traduções de várias línguas. Esse trabalho tem sido feito com a regularidade que permite o acervo de serviço. Foram traduzidos aproximadamente trinta capítulos de obras várias.

6. *Da freqüência à Biblioteca.* — A Biblioteca tem funcionado ininterruptamente desde abril p. p. durante o expediente de S. P. A. com regular movimento de consulta.

Freqüentaram-na funcionários de S. P. A., alunos e professores do Instituto de Educação e pessoas alheias a este estabelecimento.

II — *Museu da Criança.* — Iniciou-se o Museu da Criança que vai reunir todo o material que possa permitir conheci-

mento do seu comportamento e das linhas gerais do seu desenvolvimento. Fizeram-lhe doações a senhora Lourenço Filho e o sr. Cerri.



VII — RESUMO GERAL DOS TRABALHOS REALIZADOS DE 1.º DE FEVEREIRO A 15 DE JUNHO.

1. *Pesquisas.*

	Q. Nat. do Trabalho	Secção	Pág.
a) colheita de dados para o levantamento dos padrões paulistas de:			
I — Testes Dearborn	2.993 prov.	Medidas	9
II — Testes Ballard	414 prov.	Medidas	10
III — Coordenação motora	609 prov.	Medidas	11
b) Pesquisas para determinação da correlação existente entre a expressão pelo desenho e o nível de desenvolvimento.	—	Desenho e Repres. Gráfica	17

	Q. Nat. do Trabalho	Secção	Pág.
c) Pesquisas para:			
I — Organização de monografias profissionais	—	O. Profis.	14
II — Determinação da mentalidade profissional dos escolares paulistas	—	O. Profis.	13
III — Determinação da correlação entre coordenação motora e nível de desenvolvimento mental (cooperação)	—	Medidas	11

2. Medidas.

a) Mentais:			
I — Escala Binet-Simon	28	Medidas	11
II — Testes A-B-C (Dr. Lourenço Filho)	476	Medidas	10
III — Prática para os auxiliares e alunos da Escola de Professores	—	Medidas	11
b) Testes de escolaridade	481	Medidas	12

3. Estudo ou Prática.

a) Psicologia Educacional	58 aulas	Crefia	7
b) Medidas Mentais	4 aulas	Chefia	8
c) Orientação Profissional	8 aulas	Ass. O. P.	8
d) Aulas de O. P. na Escola Primária	40 aulas	O. Prof.	13
e) Críticas de aulas	23 críticas	O. Prof.	14
f) Biblioteconomia	29 aulas	Bibliotec.	7, 17
g) Taquigrafia	36 aulas	Eestatfíst.	8
h) Dactilografia	176 aulas	Eestatfíst.	8
i) Desenho	16 aulas	Desenho	17
j) Estudo do Programa e Problemas Escolares	—	Est. Prog.	3 e
		Prob. Esc.	15
k) Reuniões para estudo	8	S. P. A.	9

4. Auxílio ao ensino e à administração.

a) Organização de classes selecionadas	12 classes	Medidas e O. Prof.	
b) Traduções feitas	31 capit.	Bibliotec.	10, 19
c) Respostas a consultas sobre educação	Várias	Chefia	8
d) Colaboração Código de Educação (técnica)	—	Chefia	

	Q. Nat. do Trabalho	Secção	Pág.
e) Colaboração Código de Educação (dactilografia)	743 pág.	Medidas Estatíst.	5
f) Aulas de Psicologia Educacional (Escola de Professores)	36 aulas	Chefia	7
g) Crítica de testes	—	Medidas	12
h) Cooperação Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar	28 exames psicológ.	Medidas	5
i) Cooperação Serviço de Classificação e Promoção de Alunos	exames psicológ.	Chefia e Medidas	5
j) Grupo S. José do Ipiranga	exames psicológ.	Medidas	10
k) Centro de Cultura Intelectual de Campinas	1 palestra	Chefia	8
5. Intercâmbio.			
a) Idort	cadastro	—	7
b) Escola Alvares Penteado	programa	—	16
c) Secretaria da Agricultura	publicações	—	7
d) Departamento de Educação (J. G. Villin)	aulas de desenho	—	7
e) Conservatório Dramático e Musical	programa	—	6
f) Biblioteca George Alexander	C. de Biblioteca blioteconomia	—	7
6. Trabalhos vários e funções auxiliares.			
a) Estatística administrativa	—	Estatíst.	16,17
b) Empréstimo de livros e fichas	—	Bibliotec.	17
c) Correspondência	24	Estatíst.	17
d) Desenho e Gráficos	68	Desenho	17
e) Organização almoxarifado e arquivo	50 pastas	Estatíst.	16
f) Visitas para estudo	8	O. Profis. e P. Prob. Escolares	14, 15
g) Dactilografia	134 trab. diversos	Estatíst.	8

VII — CONCLUSÕES.

Em quatro meses e meio de atividades, foram êsses, em resumo, os trabalhos do Serviço de Psicologia, reorganizado

como centro de Psicologia Experimental aplicada à educação. A breve visão que êsse relatório apresenta permite concluir que:

- a) S. P. A. é órgão puramente técnico, solicitado a cooperar com órgãos administrativos e técnicos por meio de medidas estalonadas e aplicação de princípios psicológicos à educação. Tal aspecto, de grande alcance, permite a S. P. A. empreender as pesquisas que o meio solicita e exige, sem a cogitação utilitária de resultados imediatos. Faz-se exceção para as escolas do Instituto de Educação, onde S. P. A. deve realizar todos os trabalhos de sua especialização, sobretudo a classificação e promoção dos alunos.
- b) S. P. A. é também centro de divulgação de práticas modernas em educação, com base na Psicologia (serviço de Orientação Profissional, Estudo do Programa e Problemas Escolares, Pesquisas referentes ao Desenho, etc.).
- c) S. P. A. não está aparelhado ainda para considerar como objetivo imediato o resultado dos seus trabalhos, mas antes a preparação dos funcionários especializados que precisa. Sem dúvida que a preocupação dos fins não pode ser esquecida. É cogitação capital no momento, porém, a cultura especializada dos elementos com que obter êsses fins.

Dêsses três princípios capitais — cooperação, preparação e divulgação — podemos deduzir que S. P. A. precisa de:

1. Certas medidas especiais tendentes a assegurar-lhe as condições de trabalho, como seja a criação imediata de cursos pré-vocacionais para desenvolvimento da secção de orientação profissional.
2. Efetividade dos atuais oito auxiliares em comissão, cuja dedicação e esforço colaboram com S. P. A. de modo a permitir-lhe continuidade do trabalho especializado.
3. Compreensão geral de que o processo de trabalho de S. P. A. importa mais no momento que o resultado de suas atividades, sob pena de jamais se prepararem os especialistas que a educação paulista está a exigir de um órgão da natureza de S. P. A.

O ENSINO DA PUERICULTURA NAS ESCOLAS E AGREMIÇÕES FEMININAS

MARIA ANTONIETA DE CASTRO

Tese apresentada à Conferência Nacional de Proteção à Infância, em setembro de 1933 — — — — —

O interêsse pelos problemas de assistência e proteção à criança vai se implantando, cada vez mais, na consciência coletiva. Sob o influxo das idéias renovadoras, as sombras do passado começam a dissipar-se ante a luz de novas auroras que fazem, de cada homem — o defensor dos direitos fundamentais da criança e, de cada lar — o baluarte da redenção da infância, que, de outro modo, entregue a si mesma, não seria capaz de defender-se, desertando cedo e, tràgicamente, da vida.

MORTALIDADE INFANTIL

De fato, já disse MOLL que, ao consultar as estatísticas, observa-se que, “nos países do mundo que mais população necessitam, morrem, aliás *desnecessariamente*, muito mais crianças, milhares a mais, das que deveriam morrer”.

No entanto, para nosso consôlo, o *Comité de Higiene da Liga das Nações*, ao passar em revista a morti-natalidade e mortalidade infantil, em inquérito realizado em 1927, na Áustria, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Holanda e Noruega, conclúe que “desde princípios do século, na maior parte dos países europeus, tem havido *marcadíssima diminuição* da mortalidade infantil quanto aos transtornos digestivos, infecções gerais e males do aparelho respiratório, ao passo que apenas tem variado a morti-natalidade e a mortalidade infantil nos primeiros dias de vida”.

Mais tarde, porém, DUBLIN, membro dêsse mesmo Comité, analisando os efeitos da depressão econômica sôbre a saúde públi-

ca, acusa o aumento de 75 % na mortalidade infantil, em 1932, na Alemanha, nos Estados Unidos e Irlanda, mantendo-se na Grã-Bretanha e na França, e declinando na Espanha.

De outro lado, DEBRÉ e OLSEN são otimistas ao darem conta, em 1930, dos resultados de inquérito semelhante na Argentina, Chile, Uruguai e Brasil, ao concluírem que “se, de um lado, a luta contra a mortalidade infantil reveste-se de grandes dificuldades nos países sul-americanos devido ao caráter primitivo de certas populações, sua *ignorância, descuido das crianças pequenas, erros dietéticos, dificuldades econômicas* e até *dureza de clima*, por outro lado, os esforços já obtidos, o *espírito progressista* e o desejo de *ação imediata* são manifestos em tôda a parte, de modo a prever muita esperança de êxito. Em suma, a mortalidade, aí, tende a diminuir, se se empreender uma campanha judiciosa”.

EM SÃO PAULO

É o que se vem observando em S. Paulo, (principalmente na Capital) onde, pondo-se em cotejo os coeficientes anuais (por 1.000 nascimentos), observa-se um decréscimo digno de nota: em 1925 — 176,43; em 1926 — 174,33; em 1927 — 166,80; em 1928 — 160,52; em 1929 — 156,27; em 1930 — 152,62; em 1931 — 160,52; em 1932 — 142,97.

Classificando-se com MOLL, os países em grupos quanto à mortalidade infantil de acôrdo com os coeficientes por 1.000 nascimentos, embora dando, com o autor, um valor relativo a essa classificação, vê-se que é tida como *alta*, a mortalidade cujos coeficientes estão compreendidos acima de 150; *média* entre 100 e 150 e *baixa*, de 100 para menos.

Em S. Paulo, como se observa, a mortalidade está descambando para a média. Coincide, esta queda, com a adoção de melhores medidas de proteção à criança por meio de aparelhagem moderna, qual tenha sido, em 1925, pela reforma Paula Sousa, a instituição da Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde que desenvolveu, até fins de 1930, ocasião em que foi extinta, notável trabalho em tôrno da higiene pré-natal e infantil nos Centros Modelo, Braz e Bom Retiro, além de um modelar serviço de educação sanitária por um corpo técnico de educadoras sanitárias especializadas pelo Instituto de Higiene.

CAUSAS DA MORTALIDADE INFANTIL

Quanto às causas da mortalidade infantil, são bem conhecidas. CHANDET, na França, classifica-as em: *médicas, morais e sociais*. Entre as primeiras ALFARO aponta os quatro grandes grupos: 1 — pré-natais e néo-natais; 2 — afecções digestivas e de nutri-

ção; 3 — afecções do aparelho respiratório; 4 — enfermidades infecciosas agudas, acrescentando-se, ainda, as causas não especificadas ou mal definidas.

Quanto às *morais e sociais*, há a considerar, os fatores sociais, causadores, direta ou indiretamente, de estados patológicos: matrimônios consanguíneos; ilegitimidade; trabalho da gestante e da nutriz; más condições sanitárias locais; promiscuidade; alimentação má orientada; preconceitos; falta de assistência médica; curandeirismo; analfabetismo e outras.

Resumem-se, porém, tôdas, em duas únicas: *miséria e ignorância*, as grandes aliadas da mortalidade infantil. Para aquelas, as medidas de ordem social, para estas, a

PUERICULTURA

cujos conhecimentos devem ser difundidos sob tôdas as fórmulas, por todos os meios e através de tôdas as camadas sociais, visto que a ignorância, quanto a êste particular, não é apanágio dos analfabetos nem da classe social humilde, mas se estende, também, às camadas mais altas da sociedade e sua influência é tanto mais perigosa quanto de mais alto procede.

Preparar, pois, a mulher, para a arte de bem criar os filhos, é uma necessidade que ninguém mais contesta.

AGENTES EDUCATIVOS

EDUCADORA SANITÁRIA

Para a divulgação da Puericultura não vemos melhor agente educativo que a educadora sanitária, que ou seja no dispensário ou lactário, ou na escola ou no lar, realiza obra completa e eficaz, como a que vem realizando em S. Paulo, a educadora sanitária, professora normalista, que no Instituto de Higiene recebe, em curso regular (instituído em 1925), preparo técnico especializado.

OUTROS AGENTES

Entre outros agentes apontamos, como mais eficiente, depois da educadora, o *professorado*, para o qual é mister um aperfeiçoamento prévio. Veem, em seguida, os *profissionais*, não só a classe médica como a das *parteiras*, para as quais são necessários cursos especiais de puericultura. Ainda as *presidentes de associações* e as *autoridades religiosas*, que tanta influência exercem sobre os que lhes estão ligados, poderão realizar, dentro de seu grupo social, obra de real valor. Lembramos, a propósito, a Pas-

toral do Arcebispo de Santiago, Mons. ERRAZURIZ, em 1931, apontando o trabalho largo que as Conferências Vicentinas podem realizar através de suas visitas domiciliárias. E, ainda, *as alunas das escolas*, desde as *primárias*, mediante um preparo prévio, poderão exercer notável influência sobre o meio em que vivem.

APARELHAMENTO EDUCATIVO

A ESCOLA

Constitue o aparelhamento ideal para a divulgação da Puericultura que, através dela, ganha em *economia, extensão e eficiência*, dado o grande número de alunas que por aí transitam anualmente, numa idade propícia para o aprendizado, mercê de seu espírito em formação, ainda isento de erros e preconceitos. Na escola, póde tal ensino se estender desde os últimos graus da escola *primária* até as *normais, profissionais, domésticas, colégios, asilos, reformatórios, patronatos profissionais femininos, etc.*

AGREMIÇÕES FEMININAS

Outros agrupamentos existem, que bem poderiam incluir, em seus programas, a divulgação de tão úteis preceitos entre suas associadas. Tais são: associações *femininas* diversas, agremiações *operárias*, centros de *estudantes*, clubes de *professoras*, associações de *classe, culturais, etc.*

DISPENSÁRIOS INFANTIS — ESCOLA POPULAR DE PUERICULTURA

Tal é o característico que devem apresentar, se bem orientadas as suas atividades. De fato, abrangendo serviços de higiene infantil, pré-natal, e, não raro, lactário, contam com uma concorrência numerosa e obrigatória de mães que aí podem adquirir uma grande soma de conhecimentos, principalmente, depois que FINKBLSTEIN, MEYER e outros elaboraram princípios de tão grande valor em matéria de alimentação infantil, e pediatras de nome, dia a dia, acumulam novos e úteis conhecimentos.

MEIOS EDUCATIVOS

São muitos, e, entre êles: propaganda escrita, artigos de imprensa, cartazes acessíveis ao público, cursos de férias e por correspondência, projeções luminosas e cinematográficas, exposições ambulantes, rádio, etc.

A PUERICULTURA EM S. PAULO

HISTÓRICO — PRIMEIRAS TENTATIVAS

Não se passou, ainda, um decênio, desde que se iniciou, entre nós, a obra de propaganda em tórno da puericultura. Antes, porém, em 1916, o prof. JOSÉ ESCOBAR, em carta dirigida ao então Secretário do Interior, chamava a atenção para a inclusão dessa disciplina nos quartos anos dos grupos escolares. CLEMENTE FERREIRA prégava, em trabalhos e pela imprensa, sua necessidade. ALMEIDA JUNIOR, desde 1922, em tese de formatura, e, em 1925, como assistente do Instituto de Higiene e como lente da Escola Normal do Braz, insistia pela sua divulgação e desenvolvia interessante programa de ensino. Quanto a nós, por nosso lado, além de representações em Congressos, trabalhos e conferências, em que pugnávamos pela sua maior expansão, pedindo sua inclusão nos programas escolares, apresentávamos, em 1927, em sessão da Sociedade de Educação, os resultados da

ESCOLA DAS MÃEZINHAS

que constituia o primeiro curso regular de puericultura, entre nós, e que, em 1926, conseguíamos organizar na Inspeção de Educação Sanitária, no Centro Modelo, apesar dos obstáculos oriundos da má vontade e da má compreensão de sua finalidade, quiçá dentro do próprio serviço. Destinava-se a alunas das classes adiantadas dos grupos escolares "Prudente de Moraes" e "Regente Feijó", ao qual aderiram senhoras e senhoritas da nossa sociedade e alunas da escola normal. Aproveitadas as atividades dos serviços de higiene infantil e do lactário, então um verdadeiro laboratório de dietética infantil, foi possível dar, a êsse curso, um cunho verdadeiramente prático, com demonstrações sôbre pesagem, banho, preparo de leites, etc., de acôrdo com programa que é, ainda hoje, seguido em cursos semelhantes.

Foram, nos anos seguintes, realizados cursos idênticos, sendo que, em 1930, estendeu-se mais aos grupos escolares "João Kopke", "Marechal Deodoro", "Barra Funda", "Amadeu Amaral" e Lapa, além do realizado durante a Semana da Educação Sanitária, em Ribeirão Preto. Ao todo, 10 cursos com a presença de 2.668 alunas e a distribuição de 4.110 impressos educativos.

Atualmente (1933) estendem-se a 59 grupos escolares os cursos de puericultura ministrados pelas educadoras-sanitárias do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar, como adiante veremos.

NA CRUZADA PRÓ-INFÂNCIA

Impressionadas, então, as educadoras sanitárias que formavam o corpo respectivo na Inspetoria de Educação Sanitária, com o problema da assistência à criança desamparada, fundaram, em 1930, a ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA, que tinha, entre seus principais desígnios, o auxiliar os poderes competentes no combate à mortalidade infantil. Para maior amplitude de ação, na qualidade de presidente dessa associação, lançamos um apêlo às senhoras de nossa sociedade, o qual, encontrando, desde logo, o apôio de PEROLA BYINGTON, ao qual seguiu-se o de outros elementos, deu em resultado a organização da CRUZADA PRÓ-INFÂNCIA, que, desde então, vem procurando defender os "Direitos da Criança" sôbre cuja base erigiu seu programa. E, em obediência a êsse programa, que tem, como um dos itens principais, "interessar a opinião pública em tórno do problema da criança", realizou, em 1931, a SEMANA DA CRIANÇA, verdadeira "*Semana de Puericultura*", que teve larga repercussão pelos Estados e brilhante comemoração em S. Paulo. Na qualidade de patrocinadora do "Dia do Lactente", organizámos, além de aulas nos grupos escolares, um Curso de Puericultura destinado ao professorado, que teve a colaboração de pediatras de nome, e que foi encerrado com uma representação ao então Diretor Geral do Ensino, LOURENÇO FILHO, pedindo a "inclusão do ensino de puericultura nos quartos graus das escolas primárias e nas complementares do Estado", sendo, além disso, distribuído um grande número de folhetos "*Conselhos sôbre Puericultura*", por nós elaborado.

E a Cruzada continuou no seu programa de *divulgadora de puericultura* através de seus diversos departamentos, com um movimento de: 687 demonstrações práticas; 21.659 instruções individuais; 5.066 palestras; 6.274 visitas domiciliárias, para a matrícula de 160 gestantes no serviço de higiene pré-natal e 3.507 crianças no de higiene infantil, às quais foram distribuídos 196.366 frascos de leite.

NAS ESCOLAS

NAS ESCOLAS PROFISSIONAIS

Cabe ao Instituto Profissional Feminino, e graças aos esforços e descortino de seu diretor, Prof. HORÁCIO SILVEIRA, a primazia de ter, em 1931, organizado um Dispensario de Puericultura, dentro do próprio estabelecimento, com feição essencialmente educativa. As alunas aí, além do curso teórico da cadeira respectiva,

passam por um estágio nos serviços interno e externo do Dispensário, findo o qual, estão aptas a constituir a "*Bandeira da Saúde*". Esta organização, que visa a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, põe, sob a vigilância e observação de cada dez alunas, orientadas por uma Bandeirante-Chefe, cinco crianças (mais ou menos), que devem ser seguidas durante seu desenvolvimento até dous anos, ao mesmo tempo em que é feita a educação às mães. Resume-se, sua finalidade, em — "promover a *formação da consciência sanitária* das mães, pela irradiação dos ensinamentos da higiene infantil e vigilância sanitária do meio em que vivem".

Este Dispensário, que foi instalado quasi que exclusivamente com os recursos da receita do Instituto, é mantido com renda própria, e é autonomo, portanto. Conta com um médico e uma educadora sanitária, aí destacados pelo Serviço Sanitário.

Até agora, teve a matrícula de 1.361 crianças no serviço de higiene infantil e 153 no lactário, com uma distribuição de 148.797 frascos de leite. Houve 2.517 instruções individuais; 267 demonstrações sôbre o preparo de leite e 407 visitas domiciliárias. Passaram, pelo Dispensário, 503 alunas.

O sucesso educativo desta instituição foi tão grande, que, daí, partiram as primeiras luzes para a fundação de instituições congêneres, previstas no Código de Educação. Assim, o Instituto Profissional "Bento Quirino" já inaugurou, sob os mesmos moldes, seu Centro de Puericultura, estando, as profissionais de Sorocaba e Ribeirão Preto, trabalhando para o mesmo fim, não tardando, provavelmente, a seguir-lhes o exemplo, as de Franca, Mocóca e São Carlos.

NA ESCOLA DOMÉSTICA

da Liga das Senhoras Católicas, sob a inteligente direção da condessa AMÁLIA MATARAZZO, é, também, ministrado o ensino técnico e prático da puericultura, com aplicação no seu dispensário infantil, mantido em colaboração com o Serviço Sanitário.

NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Outra organização original, em S. Paulo, é o Centro de Puericultura, fundado e administrado pelos alunos da Escola de Professores do Instituto de Educação e sob a direção geral da Seção de Biologia Educacional, cujo professor é o dr. A. ALMEIDA JUNIOR, e mantida em cooperação com o Serviço Sanitário.

Tem, como finalidades: a) permitir a observação e a prática das noções de puericultura estudadas no curso; b) divulgar, nas escolas e entre as famílias, os preceitos de higiene infantil e estimu-

lar sua aplicação; c) prestar assistência sanitária, alimentar, médica, econômica, a lactentes necessitados; d) abrir, aos alunos da Escola de Professores, campos de observações para os fenômenos psicológicos e sociais relacionados com a primeira infância.

Fundado em maio de 1933, já apresentava o seguinte movimento: crianças matriculadas, 224; instruções individuais, 642; palestras, 57; aulas práticas, 12; demonstrações sobre preparo de leite, 129. É de notar, ainda, 249 visitas domiciliárias, além da feitura por parte das alunas, de 310 peças de roupas para crianças.

NO INSTITUTO DE HIGIENE

A *escola das educadoras sanitárias*, as quais, ao receberem o curso especializado de higiene, fazem, ao mesmo tempo, um aprendizado prático de puericultura no Centro Modêlo, que aí funciona.

NA ESCOLA PRIMÁRIA

O ensino da puericultura, que, em 1918, fôra introduzido, por OSCAR THOMPSON, nos programas dos quartos anos da escola primária, dele foi retirado em 1925. Desde então, a não serem as tentativas que fizemos sobre a "Escola de Mãezinhas", não houve movimento algum de reintegração dessa importante disciplina no ensino primário, a não ser no momento, em que o Serviço de Programas e Livros Escolares cogita do assunto, tendo, o Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar, procedido a estudos a respeito, fornecendo-lhe um estudo sobre tal programa, sob moldes novos.

Independentemente, porém, de figurar ou não nos programas escolares, a sua divulgação nas escolas tem constituído a maior preocupação do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar, merecendo o maior carinho do corpo técnico de educadoras sanitárias, que, animadas do maior entusiasmo, já organizaram cursos de puericultura em sessenta grupos escolares da Capital, com a matrícula de 4.058 alunas do 4.º grau.

Destinando-se, tal ensino, a meninas de 12 a 15 anos, visa dar-lhes o preparo necessário, de modo a torná-las colaboradoras ativas na solução dos problemas da saúde coletiva, pelo conhecimento da natureza, necessidades e processos biológicos do crescimento e nutrição da criança, através de observações diretas. Assim, transmitindo o que aprenderam às mães, à vizinhança, ao mesmo tempo que influem, benèficamente, sobre suas relações, vão promovendo a formação de sua própria consciência sanitária

que as habilitará a solucionar, para o futuro, os problemas que se lhes apresentarem.

São as seguintes, as atividades em que se baseia o programa do Curso de Puericultura nos grupos escolares da Capital: a *observação da curva do crescimento físico da criança* (pesagem mensal na escola ou nas clínicas infantis, com investigações sobre as causas que produzam oscilações na curva); b) *observações do processo do desmame natural e brusco*, (acompanhando a orientação prescrita às mães pelos pediatras das clínicas infantis); c) *observação em domicílio*, ou seja da influência do meio sobre a saúde da criança, e atuação sobre a mesma das causas da mortalidade infantil; d) *excursões educativas* a dispensários infantis para focalizar o problema da assistência à criança; e) *exposição* dos trabalhos realizados, a ser como um controle sobre a aquisição de conhecimentos.

O ensino vem sendo, de tal modo, ativo e prático que, em alguns grupos, as alunas procedendo a um inquérito sobre as causas que ocasionaram a morte de crianças de seu conhecimento (parentes, vizinhas), chegam a conclusões, organizam gráficos interessantes.

Como demonstração, damos, em anexo, um, organizado pelas alunas do 4.º grau da Escola Primária "José de Anchieta", respeitada, é claro, a fantasia do espírito infantil que presidiu a sua organização.

Em outros, estão as alunas preocupadíssimas em diminuir a mortalidade infantil. Como? Procuram aplicar os conhecimentos aos irmãozinhos, aos filhos da vizinha, tentam matriculá-los em Centros de Saúde, elaboram sua curva de peso.

A mãe de uma aluna pergunta à educadora se póde aplicar ao filhinho conhecimentos que a filha aprendeu no Curso de Puericultura.

A colaboração das mães é, de tal modo, espontânea, que ao se pedir um bebê para demonstrações práticas, lamenta-se uma por não possuí-lo e consulta a educadora sobre se póde pedir emprestado, para tal fim, o filhinho da lavadeira. Aliás, sobre êste ponto, é preciso controle para que não apareçam, no grupo, avalanches de bebês... cobáias.

São, pela educadora, propostos problemas como êste:

"Otávio tem dous meses e meio. Sua mãezinha, quando moça, esteve em tratamento num sanatório de tuberculosos. Êle ainda não foi pesado, dorme na mesma cama com os pais, num quarto de uma janela, sem venezianas e onde dormem também mais três irmãozinhos.

Otávio nunca sai do quarto para passear. Ele está muito magrinho, chora muito, tanto de dia como de noite, e sua mãezinha dá-lhe sempre chá de erva doce, mas, não há meios de ele ficar bom. Que fazer?"

E há respostas como esta:

"Eu levaria esse menino ao Centro de Saúde e mandaria a educadora pesá-lo. Punha-o a dormir em uma caminha separada da dos pais. Esse quarto devia ser bem arejado, com duas janelas com venezianas, banhado pelo sol. Não deixava dormir outras pessoas em seu quarto, fóra os pais. Levava-o para passear em um lugar cheio de árvores, bem limpinho, onde ele pudesse brincar. Dava-lhe boa alimentação, vestia-o bem e sempre o levaria ao Centro de Saúde para ser pesado. Essa mãe não é preparada, pois se ela dá chá de erva doce ao seu filhinho, e ele não quer, deve levá-lo ao médico especialista."

Às vezes são as próprias alunas que os ventilam em casa como a que discutira, com a irmã normalista, sobre se a tuberculose é hereditária ou não. Daí surgem novos problemas, novas investigações, novas atividades. Ainda, as alunas interessadas, armam cartazes com figuras que recortam de revistas, e colocam dizeres cuja espontaneidade é respeitada; cortam e cosem roupinhas para os bebês. Até os meninos fazem bercinhos, pequenos vestiários, etc., etc.

NAS AGREMIÇÕES FEMININAS

PIONEIROS PAULISTAS

Junto ao departamento feminino da entidade "Pioneiros Paulistas", fundada graças aos esforços do Prof. HORÁCIO QUAGLIO, para a formação física, moral e cívica do adolescente, foi destacada, pelo Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar, uma educadora que está ministrando, às mocinhas matriculadas, um curso de puericultura, com noções de epidemiologia aplicada, enfermagem prática e primeiros socorros.

NAS ASSOCIAÇÕES

Há, entre nós, associações de assistência à infância que mantêm dispensários, lactários, o que representa um trabalho útil em prol da divulgação da puericultura, como a Cruzada Pró-Infância, a que já nos referimos, a Fundação Paulista de Assistência à Infância, a Crèche Baroneza de Limeira, o Dispensário N. S. de Lourdes e outras.

NOS DISPENSARIOS

Registemos, ainda, o que os dispensários infantis vêm realizando em matéria de educação das mães, entre êles, o Centro Modelo do Instituto de Higiene e os Dispensários do Serviço Sanitário.

EM RESUMO:

Póde-se dizer que o problema da divulgação da puericultura, em São Paulo, já está sendo encarado seriamente nas diversas instituições:

- a) escolas primárias;
- b) escolas normais;
- c) escolas profissionais;
- d) escolas domésticas;
- e) agremiações femininas;
- f) associações;
- g) dispensários.

CONCLUSÕES

CONSIDERANDO

que a ignorância é a maior aliada da mortalidade infantil e a puericultura o melhor meio de combatê-la;

que as nossas jovens não recebem, na sua totalidade, os conhecimentos indispensáveis que as habilitem, para o futuro, a dispensar cuidados racionais à criança;

LEMBRAMOS

à CONFERÊNCIA NACIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA

- 1.º — lançar as bases de uma campanha intensiva de divulgação de PUERICULTURA, sob tôdas as fórmulas, por todos os meios, através de tôdas as camadas sociais, aproveitando-se dos aparelhamentos existentes: escolas, agremiações, associações religiosas e leigas, dispensários, etc.
- 2.º — solicitar, dos poderes governamentais, a inclusão do ensino prático da PUERICULTURA, *obrigatoriamente*, nos programas das escolas primárias, normais, profissionais, domésticas, colégios, asilos, reformatórios, patronatos femininos.

NOS DIÁSPORAS

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma análise crítica da situação do ensino de História nas escolas primárias e secundárias das cidades de São Paulo e de São Paulo do Sul, com o intuito de estabelecer um plano de trabalho de História e de Geografia para estas escolas.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma análise crítica da situação do ensino de História nas escolas primárias e secundárias das cidades de São Paulo e de São Paulo do Sul, com o intuito de estabelecer um plano de trabalho de História e de Geografia para estas escolas.

- a) escolas primárias;
- b) escolas secundárias;
- c) escolas profissionais;
- d) escolas domésticas;
- e) agências e organizações;
- f) associações;
- g) sindicatos;
- h) clubes;
- i) igrejas;
- j) outros.

ANEXOS

CONCLUSÕES

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma análise crítica da situação do ensino de História nas escolas primárias e secundárias das cidades de São Paulo e de São Paulo do Sul, com o intuito de estabelecer um plano de trabalho de História e de Geografia para estas escolas.

CONSTITUIÇÃO NACIONAL DE 1934 E A INDIÍCIA

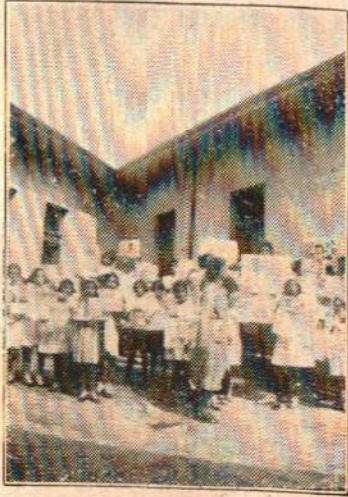
1.º - lançar as bases de uma organização integral de ensino de História e Geografia nas escolas primárias e secundárias, através de todas as condições existentes; aproveitar os recursos existentes; escolas, associações, organizações religiosas e laicas, dispensários, etc.

2.º - solicitar dos poderes governamentais a inclusão do ensino de História e Geografia no currículo obrigatório das escolas primárias e secundárias, nos cursos profissionais, técnicos, superiores, etc.

Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar

Cursos de Puericultura nos grupos escolares de S. Paulo, pelas Educadoras Sanitárias

Grupo Escolar «Júlio Pestana» — Educadora: **Mirane Loreto de Sílvia**



Uma das aplicações práticas das noções aprendidas: organização de cartazes com recortes ou desenhos elucidativos



Alunas ocupadas na feitura de enxovaizinhos após orientação sôbre número de peças e modelos adequados

Escola Primária «José de Anchieta» — Educadora: **Diva Camargo**



Aula sôbre a técnica do banho

Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar

Cursos de Puericultura nos grupos escolares de S. Paulo, pelas Educadoras Sanitárias

Aspectos seriados de uma aula de puericultura no Grupo Escolar «Maria José» — Educadora: Altina Tavares



I — Alunas ocupadas na pesagem do bebê



II — O banho do bebê



III — O bebê, ao ser enxuto



IV — Finalizando a toilette, entra em cena a latinha de talco



V — Vestindo o bebê com as roupinhas feitas por elas mesmas.

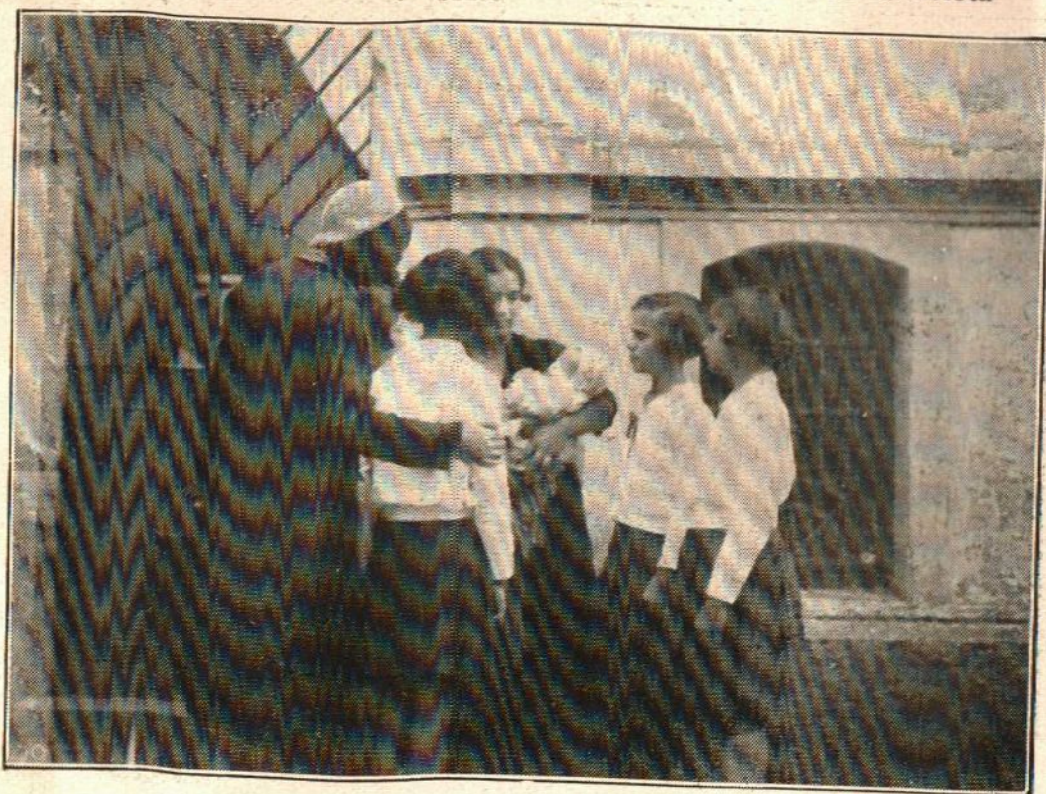
Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar
Cursos de Puericultura nos grupos escolares de S. Paulo, pelas
Educadoras Sanitárias

Grupo Escolar «**Maria Zélia**» — Educadora: Celeste Scaciota



Reunindo as peças do enxovalzinho a ser dado, como prêmio, à criança que serviu para as observações

Grupo Escolar «**Bela Vista**» — Educadora: Celeste Scaciota



Em companhia da educadora, as alunas fazem uma visita domiciliária e dão instruções sôbre os cuidados a serem dispensados ao bebê

Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar

Cursos de Puericultura nos grupos escolares de S. Paulo, pelas Educadoras Sanitárias

Alunas dos quartos graus do Grupo Escolar «Alfredo Guimarães», em excursão educativa ao Centro de Puericultura do «Instituto Caetano de Campos», onde recebem uma aula sôbre a técnica da pesagem dos nenês. — Educadora: **Clarisse Rolim Fleury**



As mesmas alunas, no mesmo Centro, recebem uma outra aula sôbre o preparo de mingaus

Trabalho feito pelas alunas do 4º grau

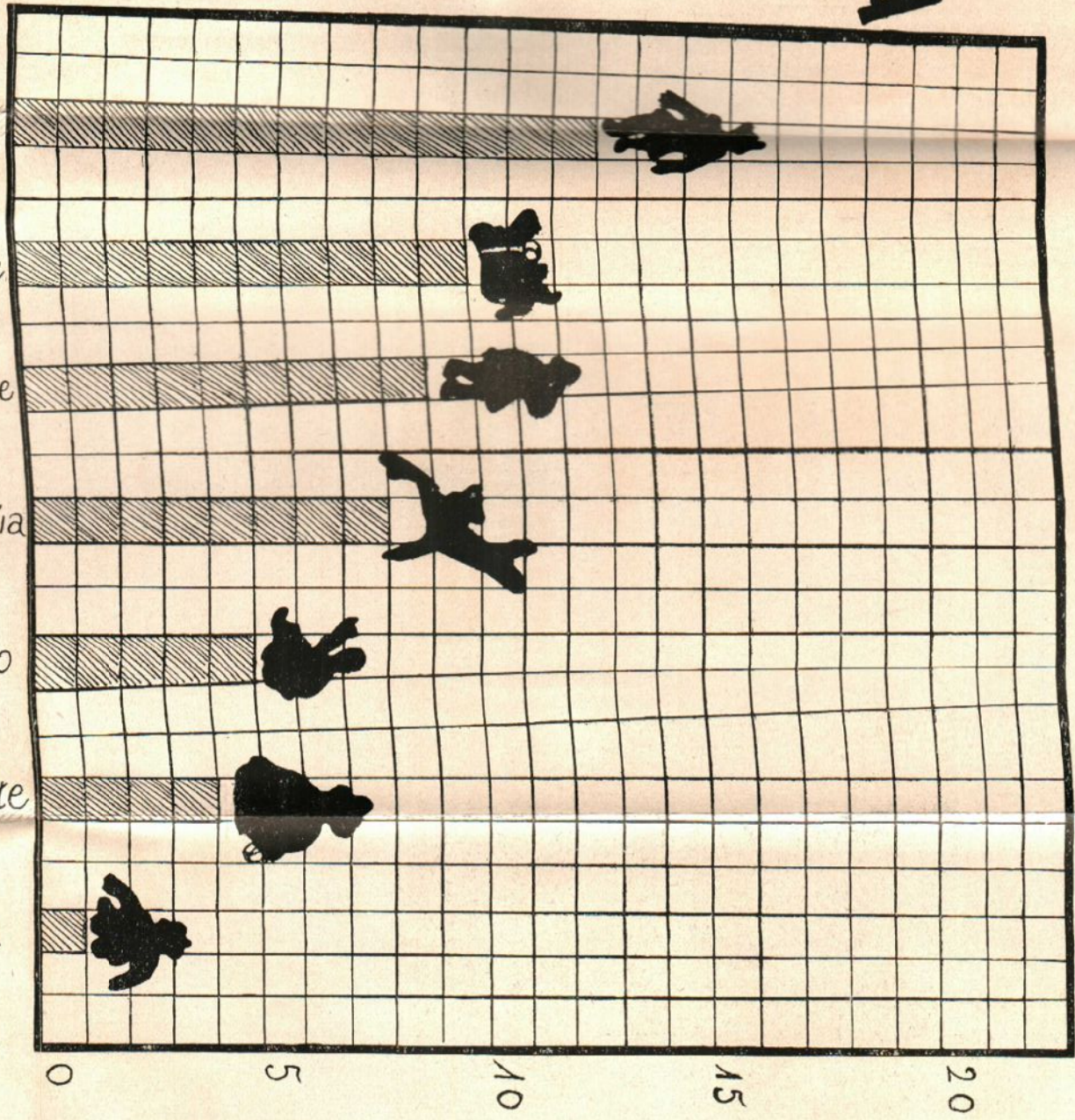
ESTATÍSTICA

feita de acordo com dados colhidos pelas alunas

Em cada 50

morreram de:

- Intestinais _____ 13
- Bronquite _____ 10
- Coqueluche _____ 9
- Pneumonia _____ 8
- Sarampo _____ 5
- Menigitite _____ 4
- Difteria _____ 1



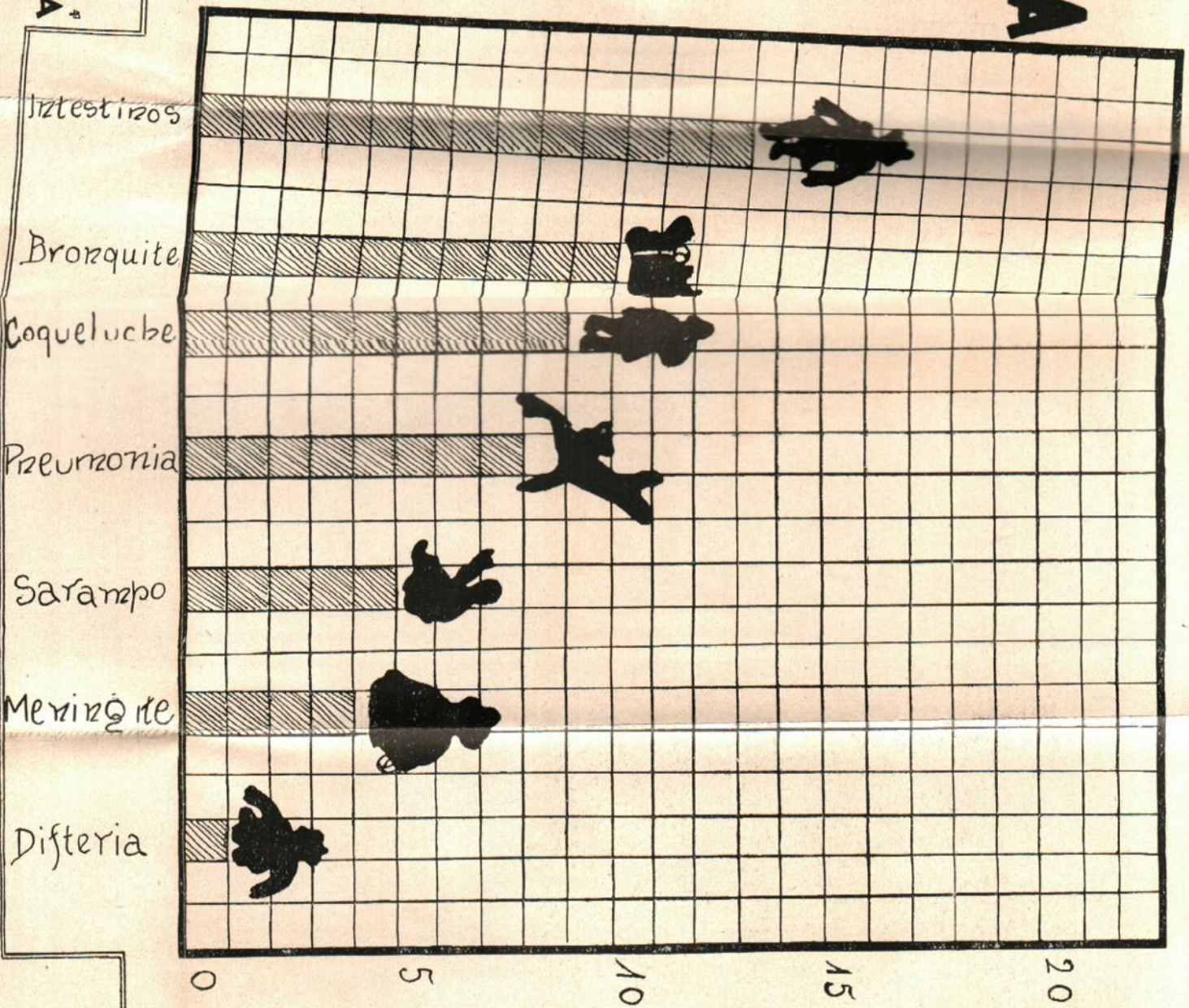
A educadora: Diva Camargo

ESTATÍSTICA

feita de acôrdo com dados
colhidos pelas alunas

Em cada 50
morreram de:

Intestinos _____ 13
Bronquite _____ 10
Coqueluche _____ 9
Pneumonia _____ 8
Sarampo _____ 5
Meningite _____ 4
Difteria _____ 1



A educadora: D. Diva Camargo
ESCOLA PRIMÁRIA JOSÉ DE ANCHIETA

PROGRAMA DE PUERICULTURA

sobre o qual são baseadas as atividades dos CURSOS DE PUERICULTURA nas escolas primárias

- 1 — Mortalidade e morbidade infantil — Causas especiais: a) perturbações digestivas; b) raquitismo e dispepsia; c) moléstias da primeira infância. — Causas parcialmente preveníveis: a) desnutrição; b) afecções pulmonares; c) sífilis congênita ou hereditária. — Causas gerais: a) falta de cuidados ante-natais; b) pauperismo; c) vida nos grandes centros; d) trabalho das mães; e) alcoolismo; f) alimentação imprópria; g) falta de conhecimento das mães na criação dos filhos. — Como evitar êsses males. — Cuidados para com a criança. — PUERICULTURA.
- 2 — Higiene da gestante: a) boa alimentação; b) exercício e repouso; c) ar puro; d) sono; e) vestiário; f) asseio corporal; g) cuidados com os dentes; h) estado mental; i) exame médico — Higiene do recém-nascido — Oftalmia do recém-nascido e sua profilaxia. — Outros cuidados.
- 3 — Desenvolvimento da criança — Pêso e medidas antropométricas — Pesagem sistemática.
- 4 — Aleitamento materno e sua importância — Aleitamento mercenário — Higiene da nutriz — Cuidados a observar na amamentação — Deficiência alimentar e super-alimentação.
- 5 — Aleitação mixta — Aleitação artificial — A escolha do leite; como e quando deve ser administrado à criança — Produtos industriais derivados do leite — Mamadeiras e bicos.
- 6 — Desmame — Como e quando deve ser realizado — Farinhas — Mingaus — Sopas.
- 7 — Preparo dos alimentos mais comuns usados no ato do desmame e nos estados mórbidos da primeira infância.
- 8 — Asseio corporal — Banho — Vestuário da criança — Enxoval de um recém-nascido — Feitura do mesmo.
- 9 — Posição correta da criança — na cama, no banho, no cólo, etc.
- 10 — Dentição — Higiene da boca — Higiene dos olhos, ouvidos, nariz, e garganta da criança.

- 11 — Sono da criança — o quarto, o berço — Perigos das histórias emocionantes: lendas, bruxarias, superstições, etc.
- 12 — Ar livre — Passeios — Inconvenientes das aglomerações — Proteção da criança contra a poeira, parasitas, beijos.
- 13 — Moléstias mais comuns na primeira infância — Moléstias infecto-contagiosas.
- 14 — A criança doente — O médico, as comadres, as curandeiras — Cuidados a tomar antes da chegada do médico e isolamento em caso de moléstia contagiosa.
- 15 — A temperatura e o pulso da criança — O banho como anti-térmico — Banhos medicamentosos — Outras medicações.
- 16 — Aquisição de hábitos sadios.
- 17 — Educação física da criança.